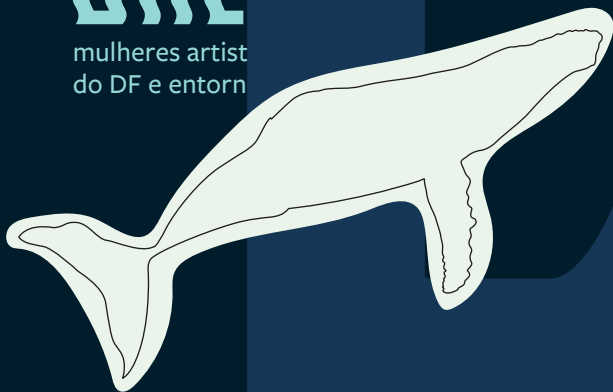


BAL

mulheres artist
do DF e entorn



BAL

mulheres
do DF e ei



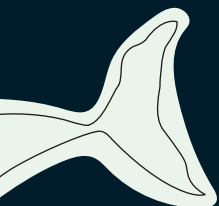
BALEIA

mulheres artistas visuais
do DF e entorno



BALEIA

mulheres artistas visuais
do DF e entorno



BALEIA

mulheres artistas visuais



BALEIA

mulheres artistas visuais
do DF e entorno

Brasília, 2022



Somos um projeto de mapeamento, publicação e premiação de mulheres artistas visuais no DF e Entorno. Propomos quatro seletivas públicas e gratuitas ao longo de 2020/2021 - graças a recursos do Fundo de Apoio à Cultura do DF. Em cada ciclo, uma curadora definiu um tema e selecionou, a partir das inscrições, 20 trabalhos que foram publicados em formato de zine. Houve também votações populares entre esses trabalhos e cada uma das 4 ganhadoras recebeu um prêmio em dinheiro. A primeira seletiva propôs o tema O Tempo Circular, sugestão da curadora Cinara Barbosa, para que as artistas pudessem mostrar como habitaram o cotidiano naquele momento inicial da pandemia. Em Heranças Deslembadas, da curadora Luisa Günther, nossa segunda convocatória, convidamos as artistas a olharem para suas memórias. Na terceira seletiva, Diante do Espelho, da curadora Raquel Pellicano, foi tempo de olhar para si. Para o tema da quarta e última edição, Futuros Possíveis, proposto pela curadora Camila Soato, foi tempo de olhar para frente, começar onde está, usando o que tem, sendo quem é. Ao todo, foram mais de 380 inscrições, 500 cópias de cada edição da publicação distribuídas e mais de 9.300 votos na fase de votação popular dos quatro ciclos. Através das votações e das redes sociais, mobilizamos mais de 15 mil pessoas ao redor da arte produzida por mulheres, contribuindo assim para a formação de público para as artes visuais do DF. Esta publicação que você tem em mãos é o resultado desse projeto feito por e para mulheres. Aqui estão as memórias do que foram esses ciclos da BALEIA, as zines completas, as artistas participantes, a fala das curadoras e das artistas vencedoras, registros e imagens de todo esse processo. Aproveite esse mergulho e vida longa às artistas mulheres do DF e Entorno!

BA

São lúdicas e potentes,
quase **seres mágicos**.

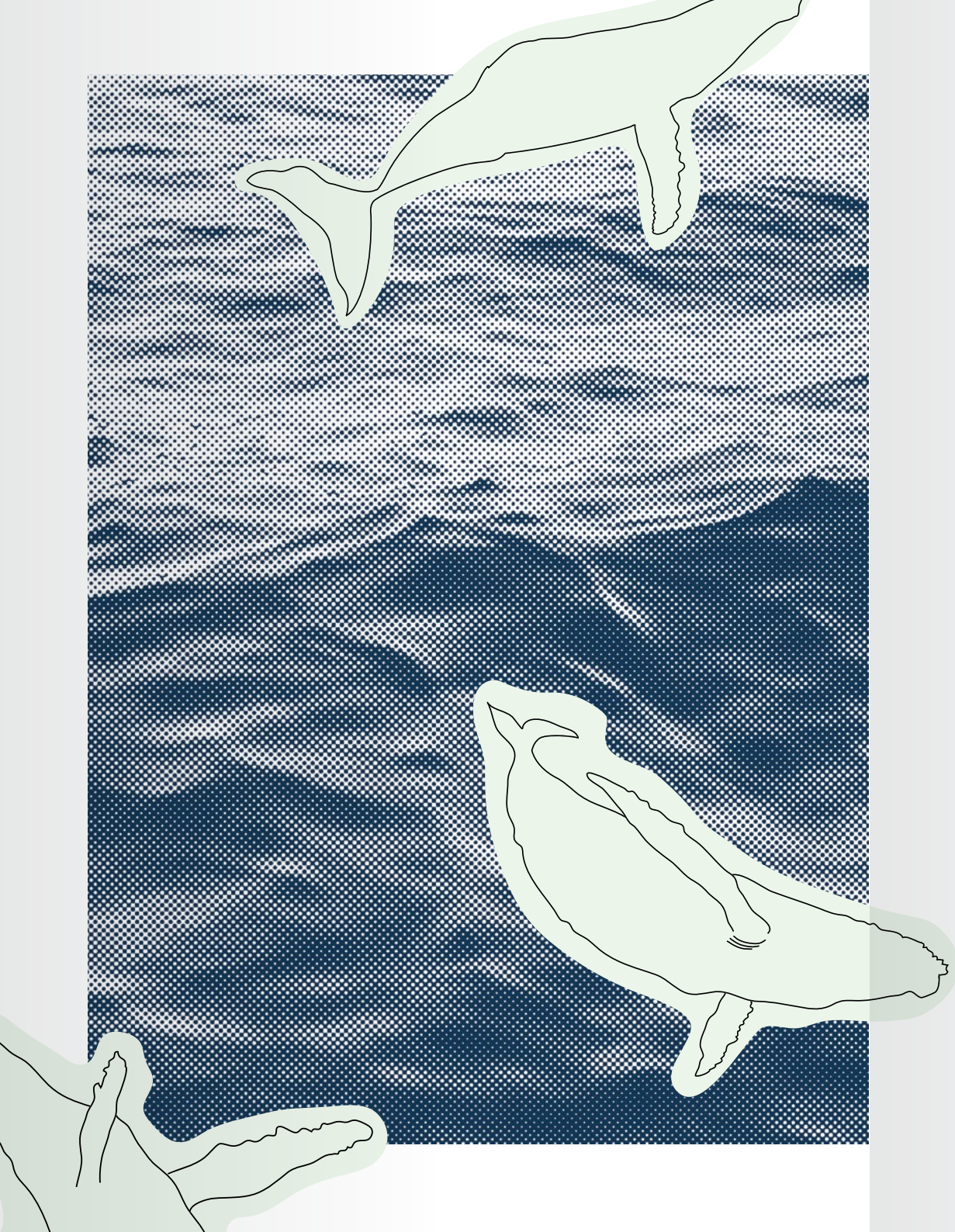


Mergulha profundezas, suporta horas sem
ar, encara correntezas e depois emerge
plena à superfície, de **alma lavada**.

São **gigantes**
e **lindas**.

LEI

A



Acreditamos que as transformações decorrentes da vivência artístico-cultural são capazes de contribuir para o desenvolvimento de relações mais justas nos campos político, social, econômico e inclusive afetivo. Queremos contribuir para a construção de um cenário mais humano, diverso, propício à criatividade e ao desenvolvimento social. Estamos vivendo crises simultâneas e este projeto foi pensado à luz desse momento de persistência da desigualdade de gênero frente ao empoderamento das mulheres e da necessidade urgente de afirmar seus lugares como artistas profissionais. Juntas estamos construindo nossos futuros. Ouçam, leiam e observem o que essas mulheres têm a dizer!

Por que mulheres?

Baleia é um projeto de, por, para mulheres. E por quê? Apesar dos avanços nos direitos das mulheres nos últimos anos no Brasil, seguimos sendo diminuídas no mercado de trabalho, por vezes silenciadas e invisibilizadas. No campo da cultura, por mais que este se coloque mais igualitário e tolerante, na prática, a desigualdade ainda é presente. A pesquisa Perfil dos Trabalhadores da Cultura do DF (2014-2015), realizada por Maria Paz Fuenzalida, Julia Dalla Costa e Mara Palhares com recursos do FAC-DF, mostra que apenas 37% dos fazedores de cultura são mulheres. Importante lembrar que, de acordo com o IBGE, as mulheres são mais da metade da população local em todas as faixas etárias. Esses números estão bem desiguais, né? Mas nós queremos ser parte da mudança. E a Baleia é a nossa contribuição. Mulheres nos bastidores, nos holofotes, nas zines, em destaque. Há uma necessidade urgente de sermos valorizadas e reconhecidas como artistas e como profissionais. Não podemos mais esperar.

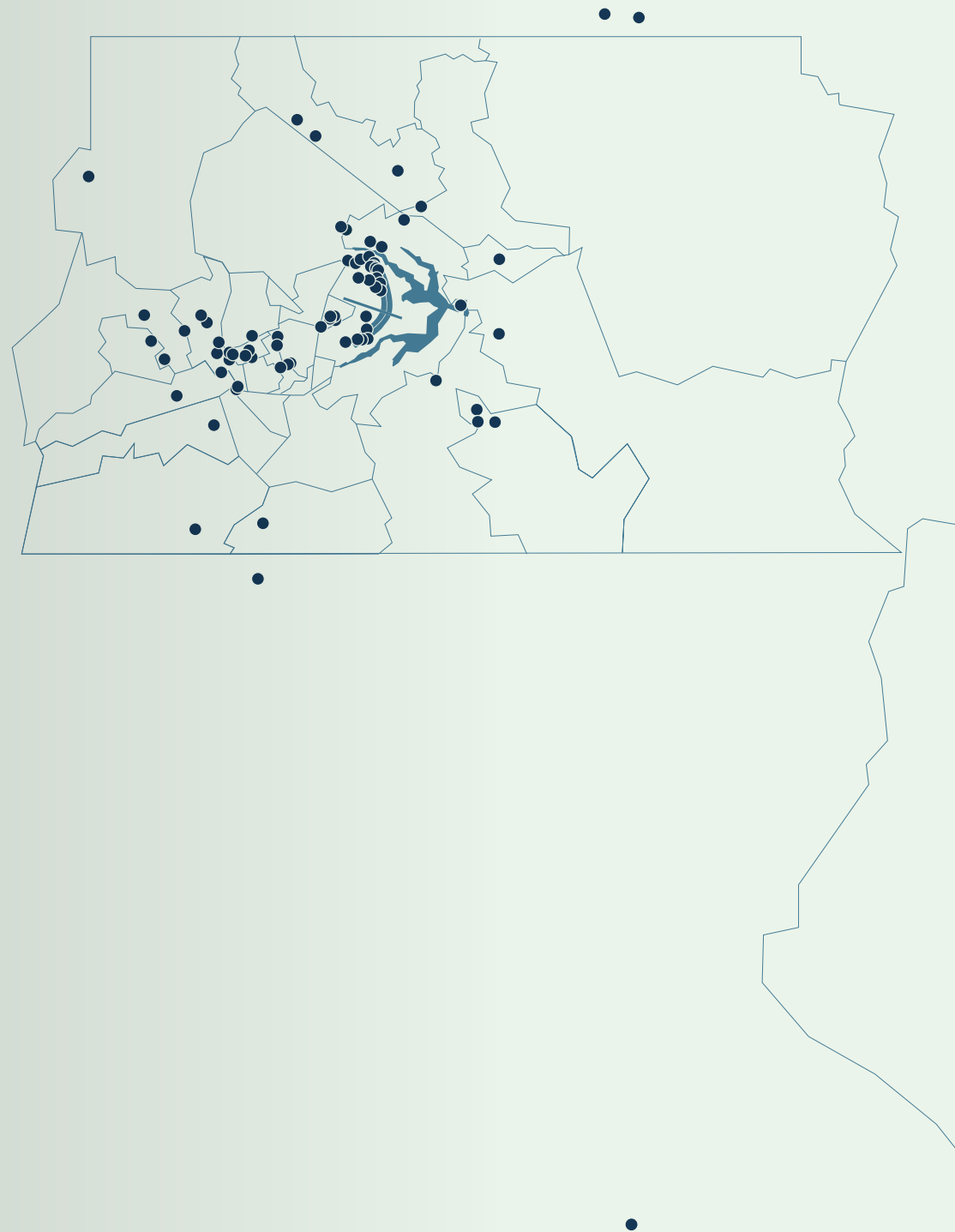
Por que zines?

Você já ouviu falar em zines? Elas começaram a fazer sucesso por aqui lá pelos anos 1980. Eram publicações caseiras e de baixo custo, feitas à mão com colagens e xerocadas, feitas principalmente por quem queria divulgar o trabalho de algum artista ou até mesmo o seu próprio. Recentemente, contrariando o mercado editorial de poucas e grandes editoras, surgiu um boom de feiras de publicações independentes que trouxe uma nova abordagem para as zines. Apareceram desde então infinitas publicações, com diversos tipos de impressão, papel, acabamento, formato, temas, linguagens... a lista é grande! Esse formato se tornou uma forma consolidada de consumir e conhecer o trabalho de artistas que talvez não teriam oportunidades de visibilidade no mercado formal das artes visuais. Pensando nisso, as quatro edições da zine Baleia serviram como uma forma de fomentar a produção das artistas do DF, dar visibilidade para trabalhos muitas vezes sem reconhecimento, permitir uma divulgação mais ampla da produção atual, além de gerar um arquivo para consulta e formação de público.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DAS ARTISTAS SELECIONADAS



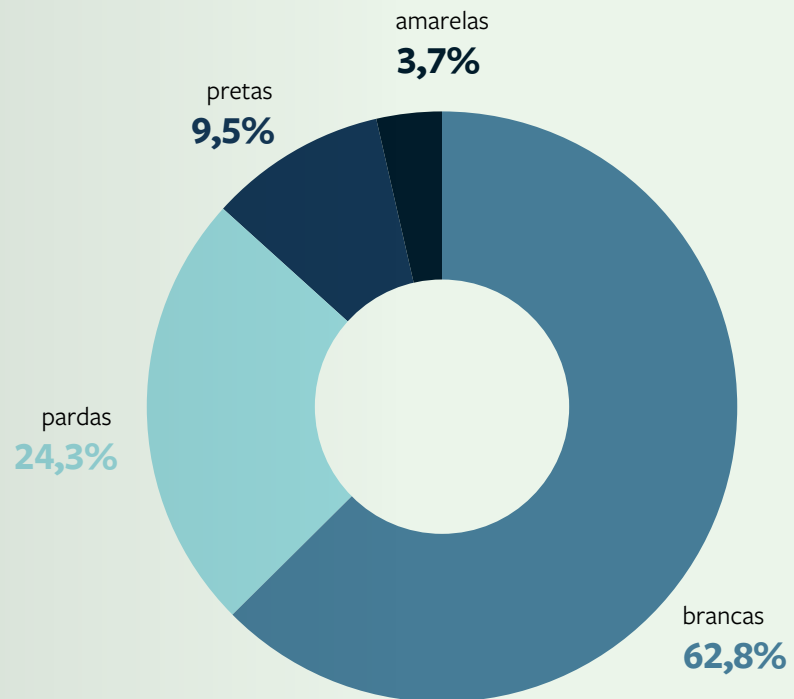
ARTISTAS: Akimi Watanabe | Alexandra Martins | Alla Soüb d’Nadah | Amanda Naomi Yuki | Ana Clara Rodrigues | Ana Flora Bavaresco Gomes | Ana Gulart | Ana Lidia Rodrigues Neves | Ana Luíza Meneses | Ana Rosa Nabuco da Fonseca | Anace Lima | Aysha Luíza Silva | Barbara Paz | Bernadete Panizza | Brenda Lee | Brixx Furtado e Dani Furtado | Bruna Braz | Carli Ayô | Cássia Olivier | Clarice Gonçalves | Coletivo Matriz | D’ávilla de Sousa Santos | Dani Almeida | Diana Salu | Ester Cruz | Fabiane de Souza | Fernanda Alpino | Fernanda Evangelista | Fernanda Pacca | Gabriela Garavelli | Gabrielly Rosário | Gisele Lima | Jamila Maria | Joana Amaral | Júlia Mazzoni | Julia Tuler | Juliana Uepa | Karol Carvalho | Lara Abreu | Lara Ferreira | Larissa do Vale | Laura Dorneles do Amaral | Letícia Miranda | Lílian Saeko | Lorena Ferreira | Lua Cavalcante | Lua Ferreira Brandão | Luana Dinato | Luciana Melo | Luda Aquareluda | Ludmila Lima de Moraes | LYV | Malu Engel | Manu Dib | Mari Velasco | Maria Clara Vieira | Mariana Amaral | Marta Mencarini | Michelle Bastos | Mille Montenegro | Naiara Pontes | Nara Barbosa | Nuára Visintin | Patrícia Aguiar | Poney Hands Up | Rafaela Kalaffa | Raíssa Vilela | Raquel Nava | Ravena Fontenele | Samantha Canovas | Sofia Rodrigues Barbosa | Tainá Xavier | Talime Teleska | Tatiana Reis | Tércia Paiva | TNHA | Usha Velasco | V3russ | Yandra Ramos Braga | Yná Kabe Rodríguez



DADOS DO PROJETO

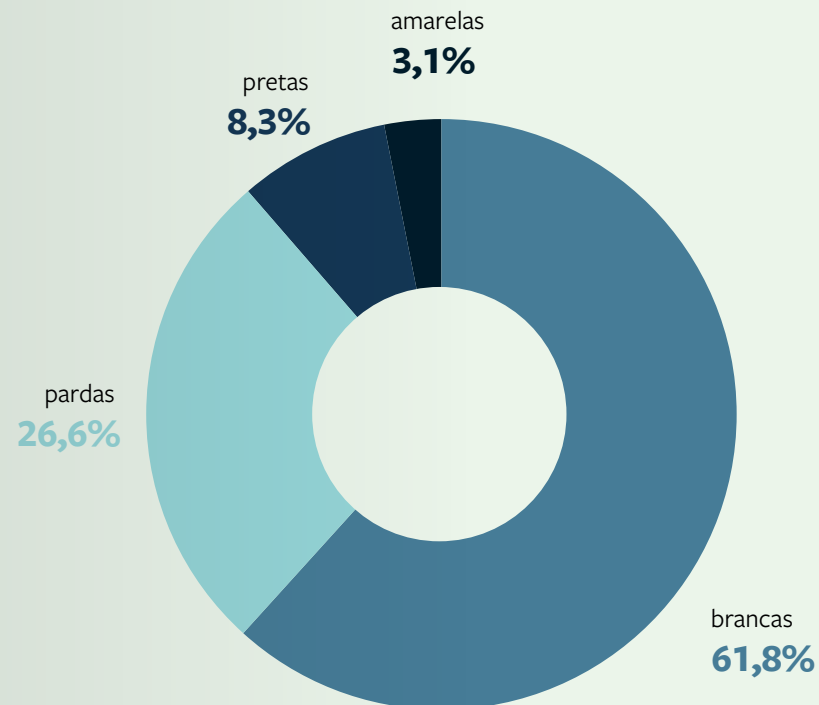
COR DE PELE

porcentagem entre as **inscritas**



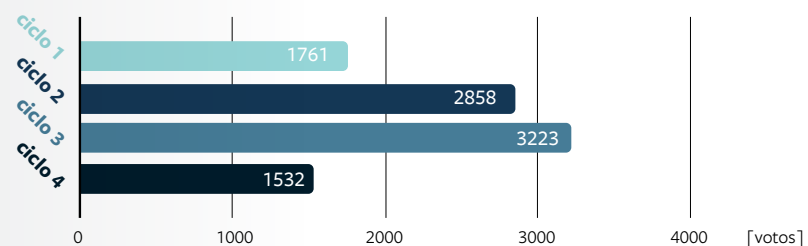
COR DE PELE

porcentagem entre as **selecionadas**



VOTAÇÃO POPULAR

contagem total e por ciclo



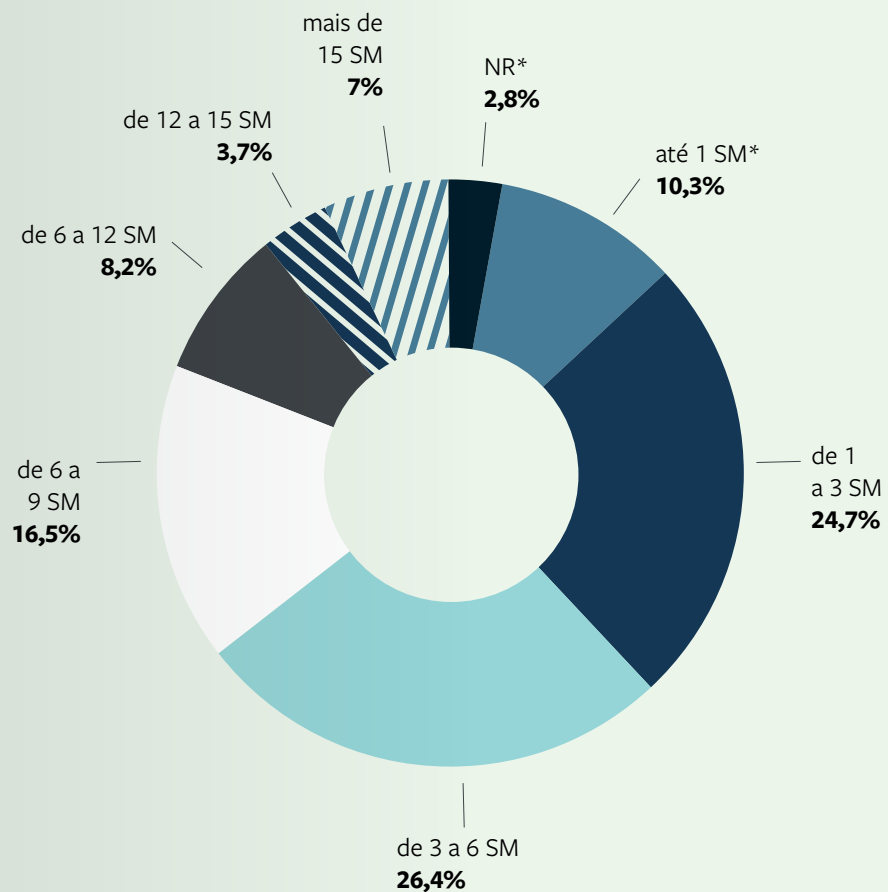
TOTAL DE VOTOS

9374

DADOS DO PROJETO

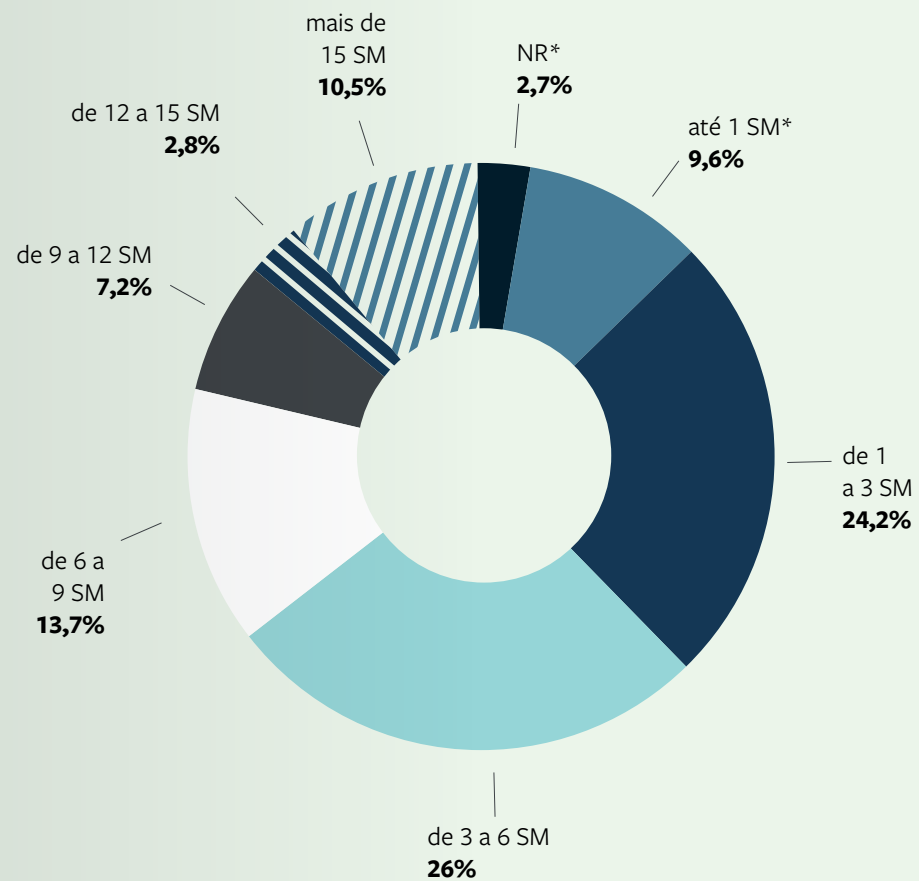
RENDA FAMILIAR

porcentagem entre as **inscritas**



RENDA FAMILIAR

porcentagem entre as **selecionadas**



* SM = salário mínimo
NR = nenhuma renda

ARTISTAS INSCRITAS NA *BALEIA*: **ADRIANA TEIXEIRA MACHADO • ADRIANE MATOS PERES DE OLIVEIRA • ALANA AVOHAY NASCIMENTO DE MORAIS • AMANDA DE FIGUEIREDO BARBOSA • AMANDA EHRHARDT CHERICI NOGUEIRA • AMANDA MARIA DA COSTA RODRIGUES • AMANDA MARTINS DE ARAÚJO GOES • AMANDA MORAIS SILVA • AMELLY GABRIELLY DE JESUS TSCHIEDEL • ANA BEATRIZ DA SILVA GOMES RABELO • ANA CAROLINA DOMINGUES VIEIRA • ANA CLARA FARIAS GULART • ANA CLARA FONSECA • ANA CLARA GASPAR DE SOUZA • ANA CLAUDIA LUCCHESI DA CRUZ NOBRE • ANA CRISTINA SILVA DE OLIVEIRA • ANA LUCIA FAÇANHA MORELLI • ANA SUELY GADELHA DA FROTA SILVA • ANA VALÉRIA PASSOS PONTES • ANANDDA SHAYA FORTES RODRIGUES • ANATALIE DE SOUZA COUTINHO • ANDRESA AUGSTROZE • ANDRESSA URTIGA MOREIRA • ANGELA ALEXSANDER • ARIANA BARBOSA SILVA • AYANA SAITO MIRA DE CARVALHO • BÁRBARA GOMES DE LIMA MOREIRA • BÁRBARA LIMA ITACARAMBY • BEATRIZ SILVA DE ALENCAR • BEATRIZ XIMENES CUNHA PEREIRA • BRUNA FERREIRA ROSA LESSA • BRUNA REGINA SANTOS VIEIRA • BRUNA SCAFUTO COUTINHO GARCIA • CAMILA AMÉLIA TASSO • CAMILA ESTEFÂNIA DE DEUS VIEIRA MELO • CAMILA LOPES MARQUES • CARMEN JIMENEZ CASTRO • CAROLINA FERNANDES GARCIA PINTO • CATARINA DE QUEIROZ ROCHA • CECILE ALEKSANDRA BORGOMARTINS • CHRISTIANE SANTIAGO CONTREIRAS • CHRISTIANNE DA ROCHA BONFIM CORREA • CINTIA MAYSIA RODRIGUES DOS SANTOS • CLARA BRAGA DE OLIVEIRA E SILVA • CLARA MOLINA DA SILVA • CLARISSE TERESA BARBOSA GUIMARÃES • CLAUDIANNE PEREIRA DA SILVA • CREVELINE DA CONCEIÇÃO ALARCÃO DE SOUZA • DANILA TEIXEIRA SANTOS • ELIANA JOHANSSON CARNEIRO • ELISA RODRIGUES DE CORTA • ELISABETE COUTINHO GUERRA NUNES • ELIZIANE DOMINGUES DA SILVA • ELOÍSA RODRIGUES • EMILY • ESTEFÂNIA DÁLIA HOFMANN MOTA • FABIANA BARBOSA • FABÍOLA MARQUES FERIGATO • FABRÍCIA OVÍDIO FURTADO • FERNANDA ALVES MIGNOT • FERNANDA BARRETO BORGATTO • FLÁVIA MAURÍCIO • FLÁVIA MOTA HERENIO • FLÁVIA RODRIGUES DE MORAIS • FRANCISLAINY ROSENDA LOIOLA • GABRIELA BARBOSA ROCHA • GABRIELA DE ANDRADE RODRIGUES • GABRIELA HIRATA E SILVA • GABRIELA MILAGRES PEREIRA DA COSTA • GEOVANNA MOREIRA BASTOS • GIULIA ELLEN SANTOS SANT´ANA • HELENA DA SILVA LOPES • HELENA DALBONE FREIRE • HELENA DORNELES BARBIERI DE CAMPOS • IASMIM DE MORAIS • IRANY DE OLIVEIRA POUDEL • ÍRIS FERREIRA COSTA • ISABELA DUTRA CAMPOS • ISABELA MOTA FARIAS • ISABELLE ARAÚJO • ISADORA TEIXEIRA ALMEIDA POLLI RODRIGUES • JEANNE DRIELLE SANTOS BEZERRA • JEORGENETE MONFORT ARAUJO LIMA • JESSICA DE FIGUEIREDO • JORDÉLIA JANINY DA COSTA ALCÂNTARA • JOYCE IBIAPINA COSTA • JÚLIA FORTUNATI GONÇALVES • JÚLIA LEITE TEODORO CHAVES • JÚLIA MOANA FERREIRA DA NÓBREGA • JULIA RIBEIRO VIEIRA • JULIA ZAKAREWICZ • JULIANA GERMANO D. S. FARIAS • JULIANA INSUA VAZQUEZ DE SÁ • JULIANA LÉA DOS SANTOS RIBEIRO • JULIANA MACEDO RODRIGUES • KÁTIA SIQUEIRA DE MIRANDA • KEISSY VANDERLEY • LAILA LOPES VARASCHIN • LAIS PEDRITA NASCIMENTO DE MORAIS • LARA JENNYFER BATISTA FERREIRA • LARISSA MESQUITA DO VALE • LAURA PAPA PEREIRA NUNES • LAURA TEÓFILO GONZALEZ • LECI AGUSTO • LÉIA MAGNÓLIA DE OLIVEIRA LEMOS • LETÍCIA DE ARAÚJO LOPES • LETÍCIA GABRIELA F. DE ÁVILA • LETICIAÀ LEGAT • LISSETTE VERÓNICA FERNÁNDEZ APABLAZA • LORENI SCHEKEL DE OLIVEIRA • LORRAINE MACIEL CAMELO REATEGUI • LUCIANA CÂNDIDA • LUDMILA MARQUES G DE LIMA • LUÍSA TEIXEIRA LIMA • LUIZA ZAYRINGUE RIBEIRO GONÇALVES • MAJÔ MOLIERI • MARIA ANGELA SILVA CAPPUCCI • MARIA CLARA VIEIRA MARQUES DE OLIVEIRA • MARIA LUIZA PORTO • MARIA LUZIA CERQUEIRA GOMES • MARIA MARA RODRÍGUEZ TOMIETTO • MARIA SIMONE DO NASCIMENTO SOARES • MARIANA CUNHA ALVES DA SILVA • MARIANA DE PAULA BRANDÃO • MARIANA GONDIM JACOB • MARIANNA VARELLA • MARTA ALVES DO NASCIMENTO • MAYÃ GONÇALVES FERNANDES • MAYA MORENO MACARIO • MAYARA ALMEIDA • MAYARA TRINDADE VILLENA • MAYRANE OLIVEIRA BUCAR • MICHELLE DE OLIVEIRA SIMÕES • MILENA DE AGUIAR SOARES • MIRIAM DE PAULA BARROS ARAUJO • MIRIAM DO CARMO SOUZA • MONIQUE MAIA BATISTA • NATALIA MATIAS TASSO • NAYARA DE JESUS RODRIGUES • NEREIDA DE PAULA • PATRÍCIA NOVAIS ABBOTT GALVÃO • RACHEL SMIDT DE QUEIROZ • RAIANY CARVALHO • RAQUEL BRITO SOUZA • RAYANNE MARINHO NASCIMENTO • REBECA LOPES BENCHOUCHAN • RENATA AGOSTINHO CARNEIRO DA SILVA • RENATA CRISTINA QUEIROZ RINALDI • RENATA WEBER GONÇALVES • SABRINA BASTOS CUPIM • SABRINA FALCÃO SANTOS SOUZA • SAYURI FERREIRA KUDO • SHIRLEY FIUZA DIAS • SOFIA RAMOS DE ALMEIDA ANDRADE • SUELEN DE AZEVEDO • TAÍS FERNANDES KOSHINO • TAISA BARBOSA MAGALHÃES • TALITHA ANTUNES • TALITHA GOMES FILIPE • TATIANA DA GUARDA SOUZA COSTA • TATIANA DUARTE MENEZES • TAUANA MACEDO DE BRITTO PEREIRA E PARREIRAS • THAÍS COSTA OLIVEIRA CALHEIROS • THELMA REGINA VIEIRA DE MELLO • VANESSA GARCIA DINIS • VERA MICHELS • VIVIANE MORAIS DANTAS • WALÉRIA PESSOA DE ANDRADE**

BALEIA



#3

BALEIA



#2

BALEIA



#4

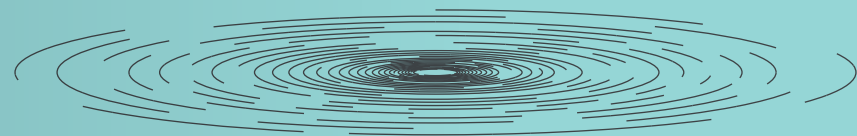
BALEIA



#1

Reprodução da
edição #1 da zine
BALEIA, lançada em
outubro de 2020.

BALEIA



#1

BALEIA

BALEIA #1 | TEMPO CIRCULAR
curadoria - **Cinara Barbosa**

Brasília, setembro 2020

Somos um projeto de mapeamento, publicação e premiação de mulheres artistas visuais no DF e entorno. Propomos quatro seletivas públicas e gratuitas ao longo de 2020/2021 – graças a recursos do Fundo de Apoio à Cultura do DF. Em cada uma, uma curadora define um tema e seleciona, a partir das inscrições, 20 trabalhos que são publicados em formato de zine. Haverá também uma votação popular entre esses trabalhos e a ganhadora receberá um prêmio em dinheiro em cada ciclo. Um projeto empoderador, todo feito por e para mulheres.

Mas por que “baleia”? A palavra que deveria humilhar as pessoas “fora dos padrões” lembra que este é um ser complexo: parece peixe mas é o maior mamífero do mundo; mergulha profundezas, aguenta horas sem ar e depois emerge plênissíma à superfície. Parecem calmas e inofensivas, mas podem ser letais se ignoradas em sua força. Nosso projeto vai trazer essas mulheres discriminadas e invisibilizadas para a superfície, com toda a potência, sua e de seu trabalho. Outro nome melhor não há, né não?

Para a primeira seletiva, seria impossível fugir do nosso contexto de isolamento social. Nos últimos meses, a vida mudou, seja para aqueles que precisam – e podem – ficar em suas casas, seja para quem ainda precisa sair para garantir o mínimo. Além de todos os problemas sociais, econômicos e de saúde pública que, infelizmente, ainda enfrentaremos, tem uma outra questão que se impõe: nossa relação com o tempo. Por isso, nosso chamado para a primeira edição: “O Tempo Circular”.

Como você tem habitado o seu cotidiano nesse momento de pandemia? Como tem (re)pensado a ideia de espaço-tempo em um momento de isolamento social? Como tudo isso se reflete em sua produção artística? Folheando este zine, você encontrará respostas de 20 artistas do DF e Entorno. Aproveite!

texto

CURATORIAL

Por Cinara Barbosa

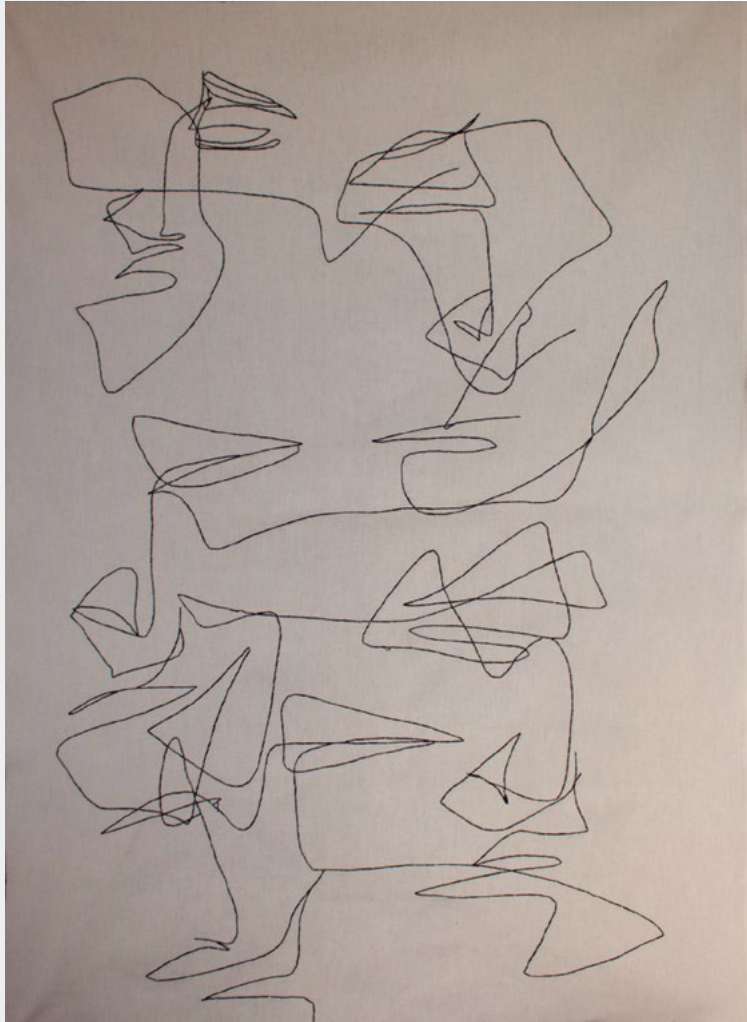


Disse minha mãe certa vez: na palavra tudo cabe. Depois de uma pausa de um pouco mais de um ano, continuou: tudo volta o tempo todo. Soube de imediato que se tratava do mesmo assunto.

Talvez tenha aprendido muito cedo a pensar acerca daquilo que se diz sobre os modos fundamentais do tempo. Mas creio que entendi – sem prescindir de dominar as ferramentas de conhecimento formal – sobretudo, a saber sobre as coisas, pelo próprio modo de estar no mundo, num modo operativo de ver da mãe-mulher.

Esta publicação é um espaço de variadas conquistas. Trata de refletir sobre a noção das temporalidades cíclicas, ou seja, a duração infinita devido à vivência da suspensão de alguns eventos e calendários provocados pela situação de pandemia e confinamento. Também procura promover um espaço de materialização da experiência artística de mulheres de diversas formações. De todo modo, temos aqui a proposta feita pela curadoria de exercitar o olhar para o mundo, como forma de olhar para si. Com isto, temos em cada imagem a condição desse tempo que é reflexo da experiência de existir.

júlia MAZZONI | quarentena (2020)



ana luíza MENESES | a praia (2020)

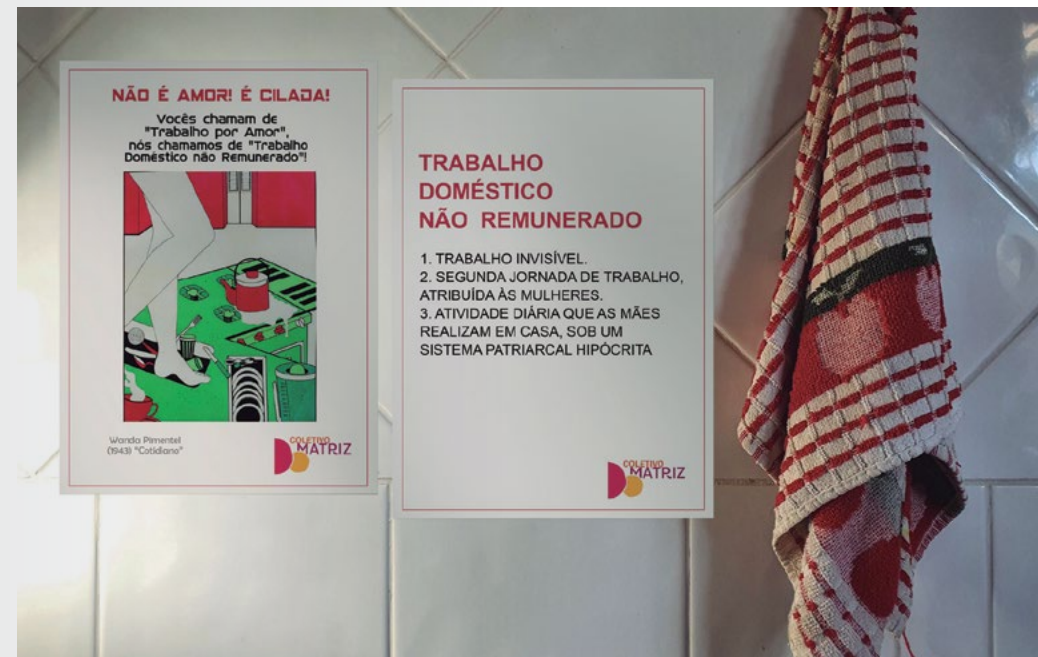




tainá XAVIER | em profundidade (2020)



bernadete PANIZZA | aparar (2020)



coletivo MATRIZ | trabalho doméstico não remunerado. não é amor, é cilada (2020)



júlia TULER | movimento mínimo (2019)



ludmila lima de MORAES | anxiousmetro (2020)



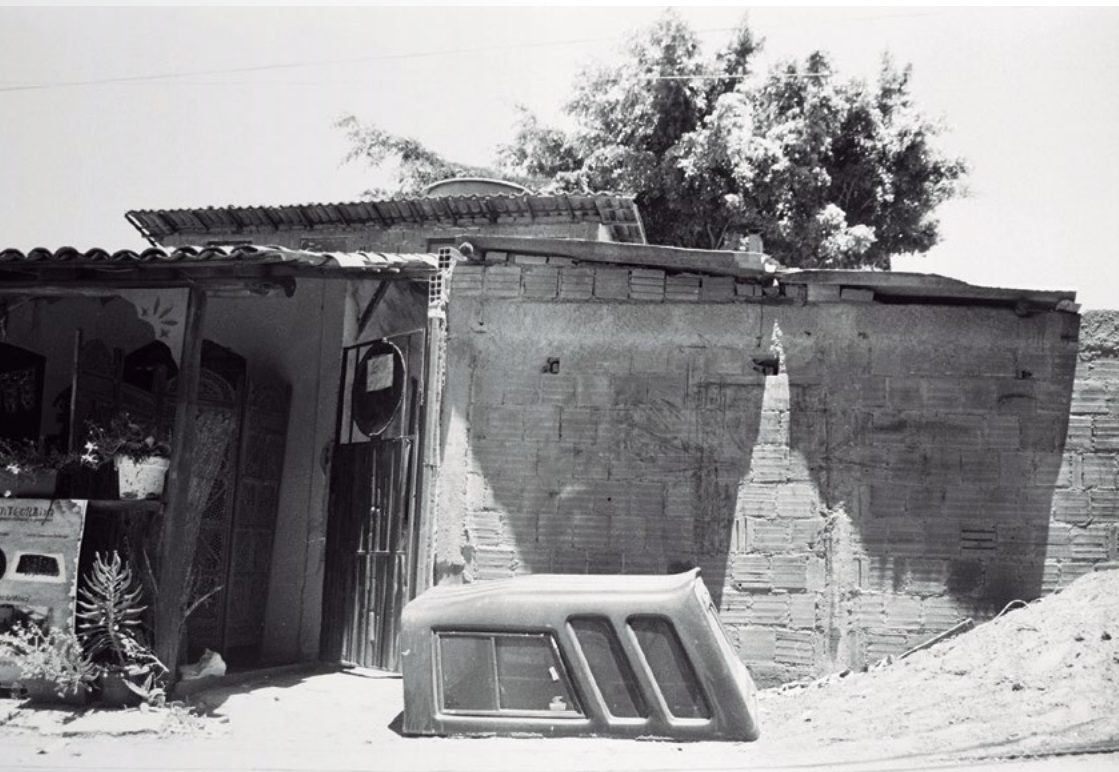
Iua BRANDÃO | como sonho compartilhado (2020)



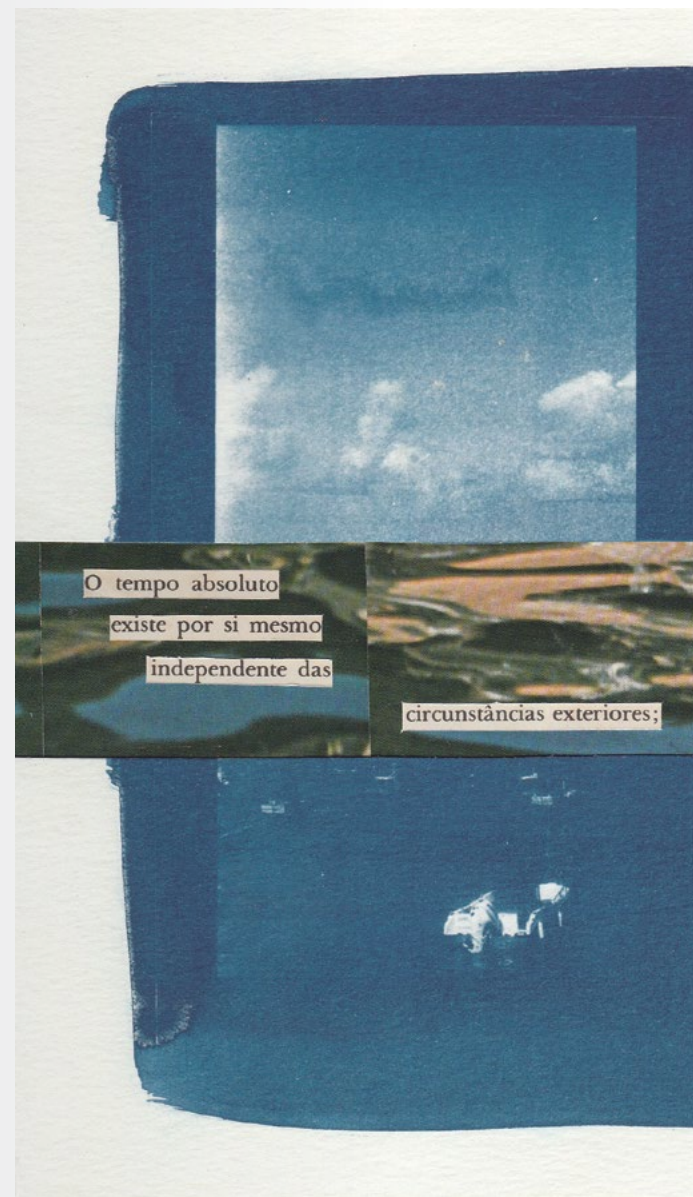
amanda naomi YUKI | moradia (2020)



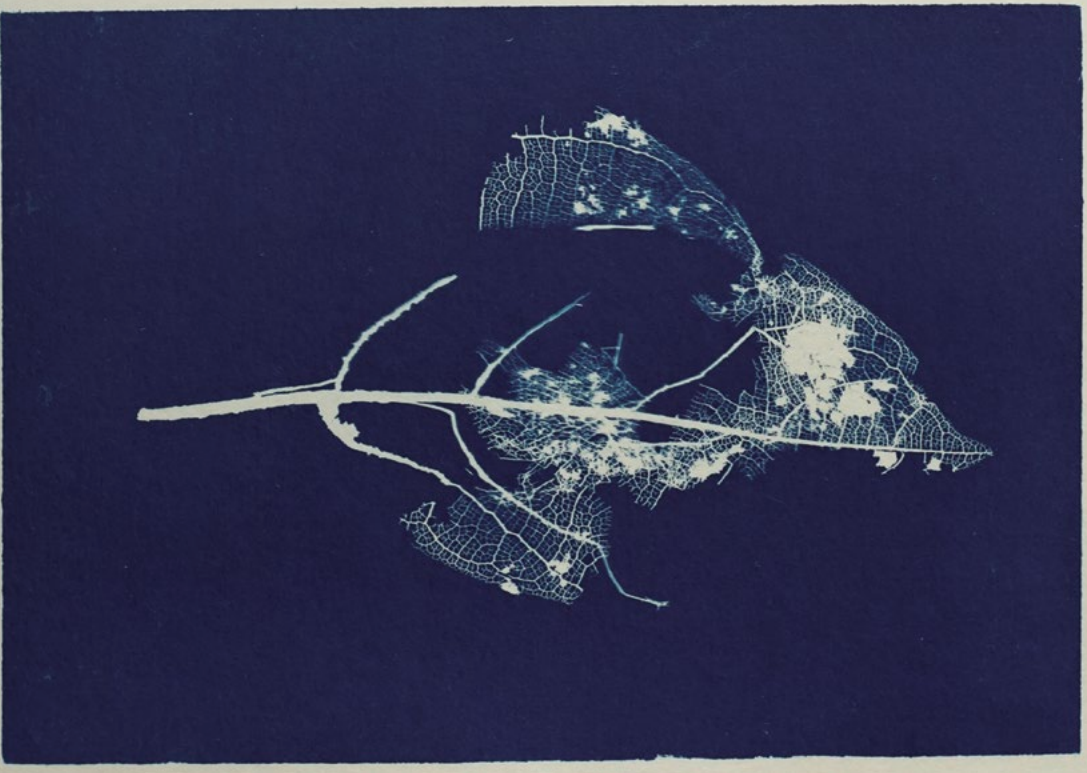
sofia rodrigues BARBOSA | nota de desaparecimento (2020)



mariana **AMARAL** | brasil 2050 (2015)

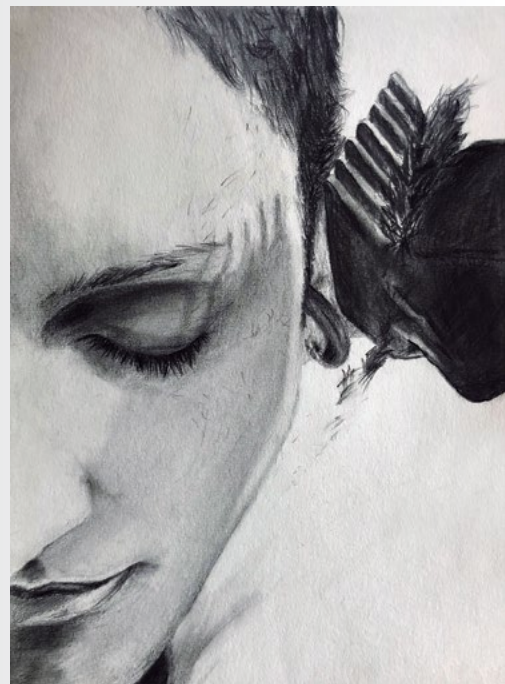


letícia **MIRANDA** | entre o céu e a terra (2020)



fabiane de **SOUZA** | cidade recolhida (2020)

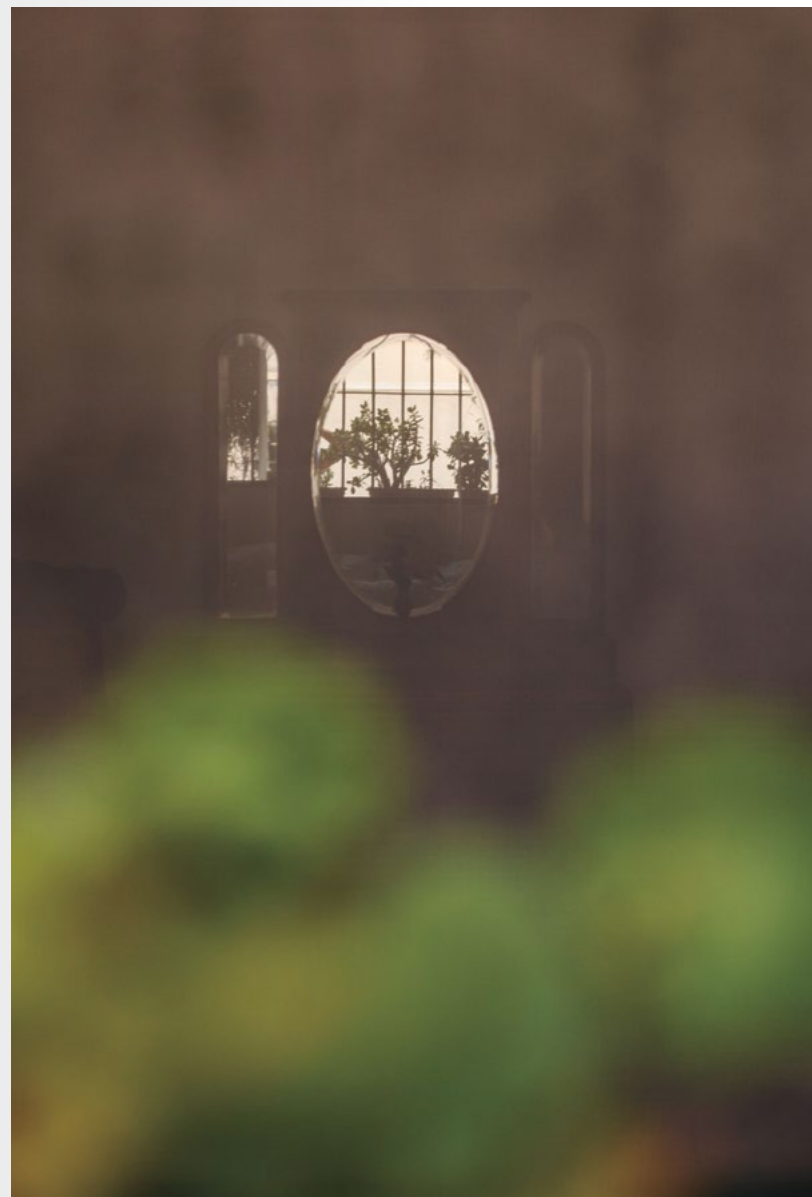
mari **VELASCO** | a arte do corte sapatão (2020)







lua **CAVALCANTE** | deserto de si (2017)



luciana **MELO** | a janela do tempo (2014)



lorena FERREIRA | personal auricularveillance (2020)

clarice GONÇALVES | o beijo da mosca (2018)



ficha técnica **ARTISTAS**

JÚLIA MAZZONI - Quarentena (2020), bordado sobre algodão cru, 100 x 72 cm

Nascida em Petrópolis, cursa Artes Visuais na UnB. Sua produção atual tem foco na temática do corpo e suas possibilidades sensíveis. *"Comecei a bordar como terapia, para controlar uma ansiedade com o tempo. O bordado demanda muito, mas ao olhar para todo o tempo que tinha à frente, pareceu um tempo mínimo, fragmentado. Foi uma forma de expressar toda a confusão sentida através do tempo".*

[instagram.com/mazzonijulia](https://www.instagram.com/mazzonijulia)

ANA LUÍZA MENESES, A Praia (2020), fotografia analógica, 30,5 x 40,2 cm

Fotógrafa, realizadora em audiovisual e faz parte do coletivo Movielas - mulheres profissionais do audiovisual do DF. *"A obra é parte do projeto A Espuma dos Dias, registro do convívio entre eu e a minha mãe que está com câncer. No dia do diagnóstico, estava com uma viagem marcada para ir à praia, mas esse desejo foi interrompido e desde então passamos a ver um pouco da praia em todos os lugares".*

[linktr.ee/analumene](https://www.linktr.ee/analumene)

TAINÁ XAVIER - Em Profundidade (2020), técnica mista (fotografia digital e colagem), 20x20 cm (cada obra)

Produtora cultural, fotógrafa e artista visual. Atua no Fotocoletivo Lumics, compõe o Clube de Colagem de Brasília, já atuou como professora de fotografia e participou de exposições locais e internacionais. *"A obra diz respeito à nossa relação com um tempo íntimo. Apesar das padronizações estabelecidas, o tempo não se doma. Permanece selvagem. Um instante muitas vezes é mais valioso que muitos dias. Sabemos disso. Um universo inteiro".*

[instagram.com/taina.mxavier](https://www.instagram.com/taina.mxavier)

BERNADETE PANIZZA - Aparar (2020), desenho em lápis de cor sobre papel, 21x29 cm

Formada em arquitetura pela UnB, os estudos de desenho lhe rondam há anos. Com o início do isolamento social, usou o desenho como ferramenta para manutenção da sanidade. *"A poda é sempre agressiva, mas ao mesmo tempo curativa: se alivia do excesso de células já mortas que nos saem da cabeça. Pra não me cortar os cabelos, desenhei".*

[instagram.com/bpnzz](https://www.instagram.com/bpnzz)

COLETIVO MATRIZ - Trabalho Doméstico não remunerado. Não é amor, é cilada (2020), colagem digital

Matriz é composto por nove artistas mulheres mães de Brasília, desenvolvendo trabalhos que transitam entre intervenção urbana e ações performáticas, nas quais abordam questões invisíveis da maternidade. *"Nós do Coletivo sempre conversamos sobre as condições que as mulheres mães (especialmente) estão submetidas pelo afastamento social. O estreitamento dos espaços público e doméstico nos move a uma domesticidade como forma de subversão".*

[instagram.com/coletivomatriz](https://www.instagram.com/coletivomatriz)

JULIA TULER - Movimento Mínimo (2019), videoarte

Graduada em Artes Visuais na UnB, a artista explora diversas técnicas em seus trabalhos. *"Nessa videoarte, o tempo não é dinheiro, o capital não toma controle de nossas vidas. O trabalho faz o papel de questionar a correria do dia-a-dia. A chegada se torna como o horizonte, todo passo que você dá para frente, ele dá outro para trás, inalcançável".*

[instagram.com/tattuler](https://www.instagram.com/tattuler)

LUDMILA LIMA DE MORAIS - Anxiousmetro (2020), fotografia digital,

36x17,93cm

Estudante de Artes Visuais na UnB. Explora as interações entre vídeo, fotografia e som e suas hibridações. *"A obra é um registro do hábito de roer as unhas. Depois de roídas, as unhas foram colocadas dentro de uma embalagem de remédio. A cartela de remédio transmite a antropofagia dos vícios e curas e como no final tudo se torna um paradoxo, círculo sem fim dos seus próprios hábitos".*

[instagram.com/ludlima_m](https://www.instagram.com/ludlima_m)

JULIANA UEPA - A Cada 5' (2020), fotografia e ilustração digitais

Fotógrafa e estudante de Audiovisual na UnB. Migrante e "descobridora", se aventura em variadas artes, principalmente visuais. *"O tempo passa diferente, e a cada 5 minutos mudo de posição. Ai de mim se não tivesse uma janela pra ver o mundo, e uma câmera pra me ver, e mesmo assim, é um tanto quanto difícil se reconhecer".*

[instagram.com/uepamano](https://www.instagram.com/uepamano)

LUA BRANDÃO - Como Sonho Compartilhado (2020), colagem digital com mídia mista

Artista em formação, zineira, tatuadora, estudante de Artes Visuais na UnB. *"Na tentativa de isolamento, a casa, assim como o mundo dos sonhos, retomaram*

seus postos como locais habitados, terra fértil à reflexão. O tempo perde sua linearidade à medida que nos distanciamos das usualidades anteriores; foca-se repetidamente no agora, no doméstico, comum e aberto como sonho compartilhado”.

[instagram.com/luaziii](https://www.instagram.com/luaziii)

AMANDA NAOMI YUKI - Moradia (2020), bricolagem, concha de ostra, linhas para tecido, crânio de rato e dente, 4x10x7cm e 3,5x11,5x7 cm

Formada em Artes Visuais pela Universidade de Brasília, trabalha com escultura, utilizando materiais naturais que coleta ou recebe. “A obra é composta por dois objetos escultóricos. Este trabalho faz parte de uma série que estou desenvolvendo durante a pandemia, sobre esse sentimento de estar mofando e estagnada no tempo”

[instagram.com/nyuki_](https://www.instagram.com/nyuki_)

SOFIA RODRIGUES BARBOSA - Nota de Desaparecimento (2020), técnica mista, 40x40cm

Jovem artista brasileira, finalizando a sua pesquisa em Artes Visuais na UnB. Voltou seus interesses sobre diálogos entre tecnologias ultrapassadas e a atualidade. “Percebo esse trabalho como um corpo onde aglomerado meus afazeres deixando faltar apenas um, o espaço vazio

dá o nome ao trabalho: nota de desaparecimento, que se localiza em lugar estratégico, o peito. Essa lista é minha, mas poderia ser sua”.

[instagram.com/sofiaarb](https://www.instagram.com/sofiaarb)

MARIANA AMARAL - Brasil 2050 (2015), fotografia analógica, 10x15cm

Comunicadora, videografa e fotógrafa. Lançou seu primeiro zine fotográfico há cerca de tudo: a natureza contra-ataca em 2015. Em 2019, idealizou e produziu os zines da revista on-line QG Feminista, que participaram da exposição “História das mulheres, histórias feministas” no MASP. “A obra Brasil 2050 é um retrato do presente”.

[cargocollective.com/maripetite](https://www.cargocollective.com/maripetite)

LETÍCIA MIRANDA - Entre o Céu e a Terra (2020), colagem feita em papel de aquarela com cianotipia, 10,4x17,8 cm

É poeta, artista visual, formada em Letras pela UnB e integrante do Clube de Colagem BSB. “Recorri às enciclopédias que tenho; encontrei o verbete tempo; pensei o que é essa categoria tão disforme; e remontei a ordem das palavras. As frases foram inseridas na estrutura de um poema em verso livre; esses pequenos versos podem seguir dizendo sobre a existência do tempo”.

[instagram.com/leticiasmiranda](https://www.instagram.com/leticiasmiranda)

FABIANE DE SOUZA - Cidade Recoilhida (2020), cianotipia em papel, 10x14 cm

Graduada em cinema e doutoranda em Imagem, estética e cultura contemporânea, na UnB. “A obra foi feita durante a pandemia: uma das tentativas de produzir diferença no cotidiano, ante a sensação do tempo que se circula, de sons confusos. Tentativa de carregar o tempo, de cavucar os caderninhos, de fechar os olhos e olhar novamente para as próprias colheitas”.

[instagram.com/fabianedesouza_](https://www.instagram.com/fabianedesouza_)

MARI VELASCO - A Arte do Corte Sapatão (Cutting My Lover's Hair), (2020), lápis grafite sobre papel, 42 x 29,7 cm

Artista visual que explora em seu trabalho a investigação sobre fragmentos da memória. Atualmente trabalha com temas relacionados à visibilidade, cultura e sexualidade sapatão. “O aspecto do corte de cabelo, aqui, é uma forma de pensar cultura, afeto e visibilidade sapatão. Para muitas, representou um ritual inicial de afirmação ao se identificarem como lésbicas”.

[marivelasco.com](https://www.marivelasco.com)

SAMANTHA CANOVAS - Junho (Projeto 366) (2019/20), foto performance / ação

É artista plástica, têxtil, escrito-

ra, bordadeira e arte-educadora. Iniciou sua trajetória artística pesquisando os limites da materialidade da pintura. “Ao longo de 2020, estou realizando uma performance que consiste em utilizar durante o ano apenas uma roupa - um macacão de linho de cor branca, fabricado por mim. Entendo-a enquanto pintura que se transforma ao longo do ano, pelo uso e pelo desgaste”.

[samanthacanvas.com](https://www.samanthacanvas.com)

LUA CAVALCANTE - Deserto de Si (2017), fotografia

É fotógrafa e arte educadora. Produz experimentações poéticas em autorretrato, investigações imagéticas sobre as particularidades e deslocamentos de seu corpo, um corpo de uma pessoa com deficiência. “A obra é sobre andar de mãos dadas com o íntimo de mim, não me deixando só. É curar a amargura da incerteza ao olhar-se no fundo do olho. Cruzar o deserto de si é confrontar o espelho que reflete o monstro e confortá-lo ao oferecer abrigo”

[instagram.com/luascavalcante](https://www.instagram.com/luascavalcante)

LUCIANA MELO - A Janela do Tempo (2014), fotografia digital

Trabalha com still de cinema e TV, é também uma amante da fotografia de rua e de natureza. “Tempos de se tentar parar o imparável: o próprio tempo. O contato

com um exterior que se esvai, é a mais nova realidade. No espelho se desnuda, então, a oportunidade de enxergarmos o próprio tempo em nós, e nos permitir sermos assombrados para a realidade de que ele não se cansa de voltar”.

lucianamelo.com

LORENA FERREIRA – *Personal Auricularveillance (2020)*, instalação, 59 cm x 18cm x 8cm / 29 cm x 8 cm x 7 cm / 47 cm x 7 cm x 7 cm

Mestra em Música pela UFG e doutoranda em Artes Visuais na UnB. Desenvolve obras relacionadas à arte sonora. “Há estudos que denunciam a vigilância sonora praticada por empresas de comunicação e tecnologia. O *Personal Auricularveillance* foi desenvolvido para que você possa burlar essa vigilância! Através de uma prótese de orelha humana acoplada ao microfone do seu aparelho celular, você (o vigiado) poderá sabotar ou ajudar o seu vigilante, alterando, bloqueando, ou mesmo intensificando o conteúdo sonoro monitorado de acordo com suas necessidades”.

lorenaferreira.gitlab.io

CLARICE GONÇALVES – *O beijo da Mosca (2018)*, óleo sobre tela, 120 x 120 cm

Clarice é taguatinguense, nascida em 1985, mãe praticamente “solo” do Hector, de 7 anos. Desde

criança, seus rabiscos refletem suas tentativas de compreender, estranhar e/ou aceitar os papéis de gênero. “Os seres com útero acumulam ainda o trabalho reprodutivo. Essa obra fala dessa engrenagem compulsória na nossa sociedade”.

claricegoncalves.com



ficha técnica **BALEIA**

BALEIA | Ciclo #1 | *O TEMPO CIRCULAR*

Curadora **CINARA BARBOSA**

Coordenadora geral **BEATRIZ CHAVES**

Diretora artística **ELISA FREITAS**

Produtora executiva **BEATRIZ RAMOS**

Assessora de comunicação **JOCELINE GOMES**

Identidade visual **RAQUEL CÂMARA**

Webdesigner **ESTÚDIO CAJUÍNA** | **FLORA EGÉCIA E BIANCA NOVAIS**

Contadora **BRUNA LOPES**

ARTISTAS

Amanda Naomi Yuki | Ana Luíza Meneses | Bernadete Panizza | Clarice Gonçalves | Coletivo Matriz | Fabiane de Souza | Júlia Mazzoni | Julia Tuler | Juliana Uepa | Letícia Miranda | Lorena Ferreira | Lua Ferreira Brandão | Lua Cavalcante | Luciana Melo | Ludmila Lima de Moraes | Mari Velasco | Mariana Amaral | Samantha Canovas | Sofia Rodrigues Barbosa | Tainá Xavier

baleiadf.com.br

[instagram.com/baleiadf](https://www.instagram.com/baleiadf)

[facebook.com/baleiadf](https://www.facebook.com/baleiadf)

Esta publicação foi composta nas fontes Barlow e Barlow Condensed. Miolo impresso em papel offset 90g e capa impressa em papel couché fosco 150g. Tiragem de 500 exemplares. Distribuição gratuita. ISBN 978-65-00-08793-2

Este projeto é realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do DF

FAC FUNDO DE APOIO À
CULTURA
DO DISTRITO FEDERAL

Secretaria de
Cultura e
Economia Criativa



amanda naomi YUKI
ana luíza MENESES
beatriz CHAVES
beatriz RAMOS
bernadete PANIZZA
bianca NOVAIS
bruna LOPES
cínara BARBOSA
clarice GONÇALVES
coletivo MATRIZ
elisa FREITAS
fabiane DE SOUZA
flora EGÉCIA
joceline GOMES
júlia MAZZONI
júlia TULER
juliana UEPA
letícia MIRANDA
lorena FERREIRA
lua CAVALCANTE
lua FERREIRA BRANDÃO
luciana MELO
ludmila LIMA DE MORAIS
mari VELASCO
mariana AMARAL
raquel CÂMARA
samantha CANOVAS
sofia RODRIGUES BARBOSA
tainá XAVIER



Reprodução da
edição #2 da zine
BALEIA, lançada em
janeiro de 2021.

BALEIA



BALEIA

BALEIA #2 | HERANÇAS DESLEMBRADAS
curadoria - **Luisa Günther**

Brasília, dezembro 2020

sobre a BALEIA

Somos um projeto de mapeamento, publicação e premiação de mulheres artistas visuais no DF e entorno. Propomos quatro seletivas públicas e gratuitas ao longo de 2020/2021 - graças a recursos do Fundo de Apoio à Cultura do DF. Em cada uma, uma curadora define um tema e seleciona, a partir das inscrições, 20 trabalhos que são publicados em formato de zine. Haverá também uma votação popular entre esses trabalhos e a ganhadora receberá um prêmio em dinheiro em cada ciclo. Um projeto empoderador, todo feito por e para mulheres.

Mas por que "baleia"? A palavra que deveria humilhar as pessoas "fora dos padrões" lembra que este é um ser complexo: parece peixe mas é o maior mamífero do mundo; mergulha profundezas, aguenta horas sem ar e depois emerge pleníssima à superfície. Parecem calmas e inofensivas, mas podem ser letais se ignoradas em sua força. Nosso projeto vai trazer essas mulheres discriminadas e invisibilizadas para a superfície, com toda a potência, sua e de seu trabalho. Outro nome melhor não há, né não?

A primeira seletiva propôs o tema O Tempo Circular, para que as artistas pudessem mostrar como têm habitado o cotidiano nesse momento de pandemia. Foram mais de 100 inscrições, 500 cópias da publicação distribuídas por todo o DF e mais de 1.700 votos na fase de votação popular.

O tema proposto pela curadora Luísa Günther para o segundo ciclo, "Heranças Deslembradas", passa por olhar para dentro de nosso íntimo e nos perguntar: quantas pessoas/memórias nos atravessam? Somos preenchidas por lembranças e ausências, como essas identidades compartilhadas contam nossas histórias? Folheando este zine, você encontrará respostas de 20 artistas do DF e Entorno. Aproveite!

texto

CURATORIAL

Por Luísa Günther



Desconheço-me, mas tenho algumas certezas. Sei que conquisto pouco quando escrevo na primeira pessoa do singular. Por isso, sei que sou sonhos: sou-somos. Somos a oportunidade imemorial. Somos a presença dos que já estiveram vivos. Somos os esquecimentos que já não precisam mais existir. Somos a saudade que arde peito e dilacera alma. Somos o alarde e a balbúrdia. Somos o óbvio que evitas enxergar. Somos juntas para alcançar o que nos compete. Somos tempo para dar vazão ao que virá. Somos muitas pela resistência. Somos adeptas da resiliência. Somos o estardalhaço espontâneo das estrelas. Somos dimensões encorpadas de plenitude. Somos encantos e assombrações. Somos as vozes silenciadas das tradições. Somos o pulso que reverbera as entranhas. Somos a bagaceira que acomoda o delírio. Somos a erva daninha e a horta medicinal. Somos a dor e a cura. Somos o amor que destila o temporal. Somos os bons pensamentos que alcançam o coração. Somos o bem e o mal, irmanadas. Somos a felicidade ancestral. Somos o mais além. Somos aquilo que julgas, e o oposto também. Por isso, somos acúmulos e hesitações. Simultaneamente. Sinceramente. Suavemente. Somos nossas "heranças deslembradas". Sejamos juntas.



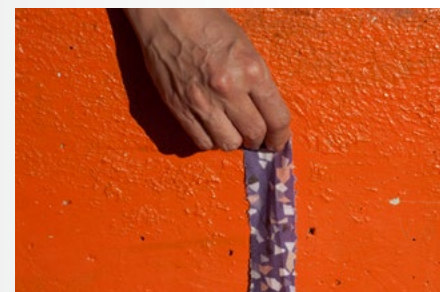
alexandra MARTINS | sonia (2014)



ana GULART | sem título (2020)



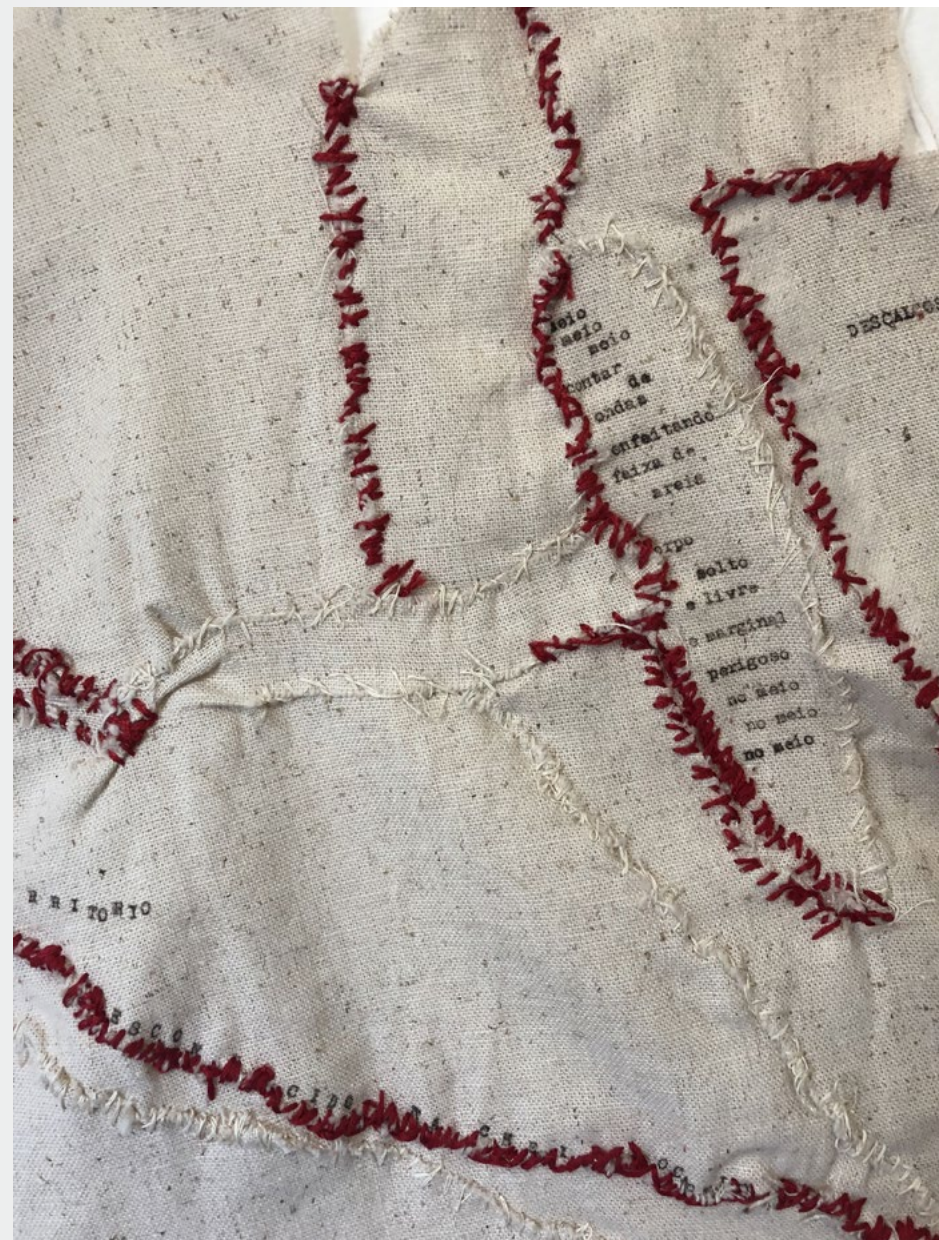
laura dorneles do AMARAL | Herança de desejos: memória de objetos (2018)



michelle BASTOS | o sentimento sem nome (2020)



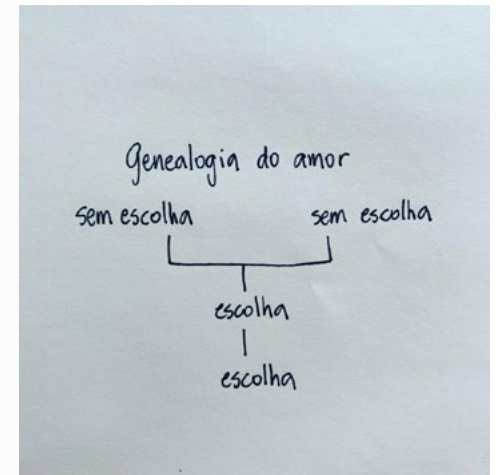
bruna BRAZ | fazeção de guia (2020)



barbara PAZ | territórios (2018-2019)



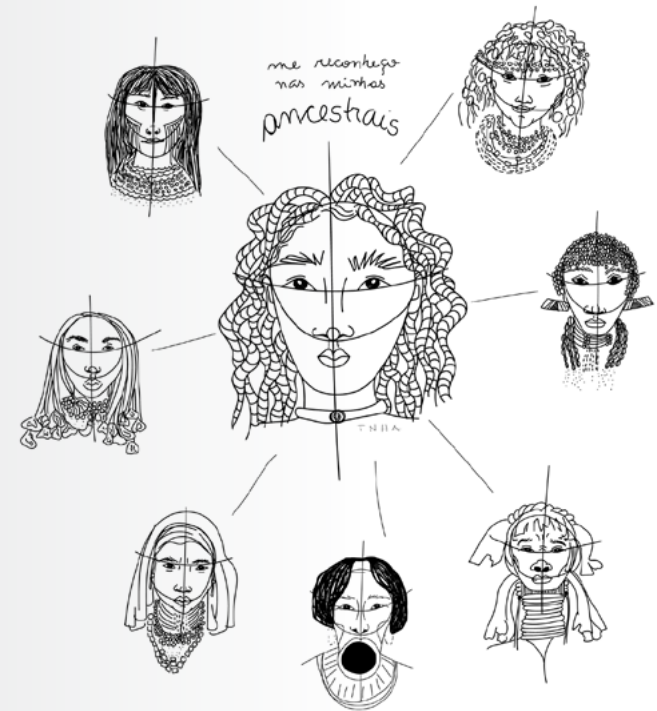
cássia OLIVIER | divícia (2020)



lilian SAEKO | genealogia do amor (2020)



karol CARVALHO | duas mulheres (2018)



TNHA | Me reconheço nas minhas Ancestrais (2020)



Ela nunca se apaixonou, e me deixou amar como herança.

Depois que eu descobri, tudo fez sentido.
Eu me apaixono por mim
e por ela.

Ela que teve aquilo que eu tanto almejo mas não sabe o que é paixão.
Eu me apaixonando em cada esquina, com a rapidez e a intensidade de uma lua em peixes com vênus em escorpião.
Sigo pagando essa dívida cármica,

Missão que aceitei com leveza.

Aprendendo a sentir e deixar as paixões fluírem.
Como um rio que se renova a todo instante, me inundando de amor e te vejo partir.

Sorte daqueles que se fazem ilha nessa água doce.



Ela não casou.
Apesar do coração e da facada na bananeira, da vela e da oração.
Mesmo com toda a espera na janela.
Ele nunca passou.

Mal sabia que anos depois, lá estaria eu metida com a magia,
as frutas,
o açúcar,
o mel,
os papezinhos dobrados

cantando para o vento anseios de amar.



Ela achou que voltaria e saiu sem levar nada.

Nada não, me tinha nos braços.

Deixou para trás as roupas, as louças, as fotos.
Ela tinha certeza que voltaria, retomaria tudo de onde parou, do jeito que ficou.
Ela achou que voltaria para a casa, a família e o lar.
Que encontraria as mesmas paredes, o teto, as luzes e as torneiras. Exatamente do jeito que deixou.

Vinte e dois anos se passaram e fui eu quem retornou,

sozinha.

As paredes descascadas, sem pia, com azulejos trincados mas com os mesmos pratos, os mesmos lençóis, e ainda aqui, as fotos.

Mulher é mulher, arma de fogo é o cão.

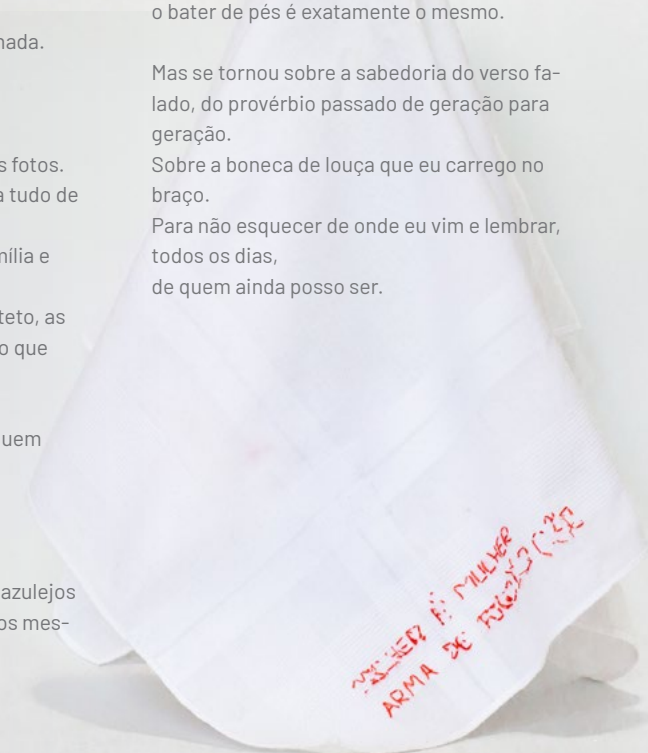
Esse seria sobre a brabeza, a ferocidade de ser quem ela é.
Sobre o amor e o ciúmes, incondicionais que ela sentiu.

E ainda sente.
A morte não foi suficiente.

Como defende com unhas e dentes aquilo que acredita ser seu bem mais valioso.
Até com armas de fogo, caso se fizer necessário.

Eu poderia falar que meu sangue tem a mesma temperatura de fervura, e que não tenho medo de me fazer artilharia. Que o ranger de dentes e o bater de pés é exatamente o mesmo.

Mas se tornou sobre a sabedoria do verso falado, do provérbio passado de geração para geração.
Sobre a boneca de louça que eu carrego no braço.
Para não esquecer de onde eu vim e lembrar, todos os dias, de quem ainda posso ser.





raíssa VILELA | meu pai tem meu nome no pescoço (2018)



brixx FURTADO e dani FURTADO | origens (2016)

ORIGEM DINATO por Luana Dinato



ELA ACREDITAVA QUE USAR VERDE NA ÉPOCA DE COLHEITA DAVA SORTE. FAZIA RITUAIS PARA SUAS PARREIRAS.



AOS FIMAS DE SEMANA PRODUZIAM VINHO - E ÓBVIO QUE TINHA DEGUSTAÇÃO - A FELICIDADE EXISTE E ESTÁ DEPOIS DA 2ª TAÇA DE VINHO.



APARÊNCIA SÉRIA PORÉM HUMOR 100/100 - CASAL QUE BEROU A PIADA SEM BRAGA.

• TATARAVOS ITALIANOS •
COMO NÃO OS CONHECI PESSOALMENTE NA MINHA CABEÇA ELES SETORNAM QUEM EU QUISER.

SE CONHECERAM NUM FESTIVAL (OU SERIA NUMA MANIFESTAÇÃO?)

EM UMA ÉPOCA DE SUAS VIDAS ELES SE TORNARAM PUNKS. CRIARAM UMA BANDA ERAM ECLETICOS.



NÃO TINHAM UM RELACIONAMENTO MACHISTA. DIVIDIAM AS TAREFAS.

Angélica Mora & Giacomo Dinato



ERA ESTILOSO E NÃO LIGAVA PARA COMENTÁRIOS PRECONCEITUOSOS ... FASHIONISTA ...



AMAVAM ÓPERA E TEATRO, 1 VEZ POR MÊS FAZIAM UMA PERFORMANCE PARA TODA A FAMÍLIA.



ravena FONTENELE | lembrança distante (2019)



mille **MONTENEGRO** | visão do corredor (2020)



fernanda **ALPINO** | mãe de mim (2019)



Yná kabe RODRÍGUEZ | uma construção (ou falta paredes na casa das pariceiras) (2017)





rafaela **KALAFFA** | costuras (2020)

ficha técnica **ARTISTAS**

ALEXANDRA MARTINS - Sonia (2014), bordado em fotografia, 10x15cm

"Pego imagens de infância de minha mãe, registrada pelo meu avô, e interfiro com bordados que compõem e decompõem essa memória familiar. É como se evocasse minha presença ao traçar passado no presente." Os trabalhos artísticos de Alexandra se desdobram em performance, instalação, fotografia e vídeo. Teve obras selecionadas para mostras no Brasil, Colômbia e México.

cargocollective.com

[/alexandramartinscosta](https://www.instagram.com/alexandramartinscosta)

ANA GULART - Sem título (2020), fotomontagem

"O lixo coletivo de um dia que passou é deixado em caçambas pela cidade. Há uma grande herança para nós e para os que ainda vão chegar: tudo que a cidade jogou fora, tudo que perdemos e tudo que destruímos." Estudante de artes visuais e design, se envolveu com fotografia durante o isolamento social. Atualmente explora as possibilidades de manipulação digital na arte, trazendo reflexões sobre espaços urbanos.

[instagram.com/gulart__](https://www.instagram.com/gulart__)

LAURA DORNELES DO AMARAL - Herança de desejos: memória de objetos (2018), fotografia-coleta-montagem-instalação-performance, 30x40cm

"Há uns anos descobri que minha avó materna também fazia coletas. Entendi que fazia parte de um desejo pelas memórias, pelas histórias que os objetos-fósseis guardam e contam seus segredos escondidos." Estuda Artes Visuais na UnB. Artista multimídia e interdisciplinar, suas obras se relacionam sempre com memórias familiares e simbologias afro-brasileiras, indígenas e ciganas.

[behance.net/lauradorneles](https://www.behance.net/lauradorneles)

MICHELLE BASTOS - O Sentimento sem nome (2016-2019), fotografia analógica, 7 imagens tamanho 42x29,7cm e 1 imagem 29,7x29,7cm

"Materializei o vazio (de um falecido) nos vestidos e nas fotografias, sem responder ou adjetivar o sentimento desconhecido, mas aliviando aquilo que não foi respondido." É bacharel em artes, antropologia e ciência política, com mestrado em fotografia. Fundadora e coordenadora da 1ª editora brasileira de fotolivros dedicada a publicar mulheres, cis

e trans, a Editora Estrondo
michellefazestrondo.com

BRUNA BRAZ - Fazeção de Guia (2020), fotografia digital, 5184x6912 pixels

"A construção imagética invoca a ancestralidade africana e o culto aos orixás. Através de gestos, imagens, velas e símbolos, afirmamos a nossa identidade afro-brasileira e manifestamos a memória de nossos antepassados." Manifesta identidades brasileiras através de elementos visuais expressos em fotografias, desenhos e pinturas. Sacraliza seu corpo-terreiro e transforma o processo criativo em um ritual.

[instagram.com/brunabrabraz](https://www.instagram.com/brunabrabraz)

BARBARA PAZ - Territórios (2018-2019), costura, 1,50x90cm

Alguns fragmentos de conversas em família, registros de lugares imaginários e reais, conversas que ora eram confissões e sonhos ora memórias, se organizam na costura feita a mão, no local da conversa. O eixo condutor de sua pesquisa artística é a memória que cada material/objeto evoca. Expõe regularmente desde 2017 e participou em 2019 do prêmio de arte contemporânea Vera Brant.

[instagram.com/bah_pz/](https://www.instagram.com/bah_pz/)

CÁSSIA OLIVIER - Divícia (2020), técnica mista (papel fotográfico sobre papel pluma queimados), 30x40cm

Divícia carrega não somente o patrimônio físico e histórico, mas também as memórias que ela desperta nos moradores dos lugares. Elas se desgastaram com o tempo, apagaram lembranças, mas não totalmente. Formada em Artes Plásticas na Faculdade de Artes Dulcina de Moraes. Seu trabalho consiste em fotografias e performances relacionadas à estética poética, feminina e de cunho político.

[instagram.com/cassiolivier_](https://www.instagram.com/cassiolivier_)

LÍLIAN SAEKO - Genealogia do amor (2020), fotografia de poema, 36,12x36,12cm

"Questiono e ao mesmo tempo honro as mulheres que vieram antes de mim. Sou a terceira geração de imigrantes japoneses que, até a geração das minhas avós, não tinham escolha em seus casamentos." Encontrou no haicai uma maneira mais fotográfica de ver o mundo e escrever. Através disso, questiona sua cultura ao passo que resgata histórias das mulheres de sua família que permanecem vivas em si.

[instagram.com/liliansaeko](https://www.instagram.com/liliansaeko)

KAROL CARVALHO - Duas mulheres (2018), pintura em papel canson, 42x29,7cm

Uma investigação da artista em suas próprias narrativas, histórias e identificação com sua família, numa tentativa de aproximar-se de figuras a quem não pode conhecer, mas ouviu diversas histórias sobre ela. Começou a desenhar ainda criança e seguiu por um bom tempo como artista autodidata. Dedicou-se à pintura, onde o figurativo é abordado, assim como o abstrato, e as investigações dentro do afrofuturismo.

[instagram.com/karolineacarvalho](https://www.instagram.com/karolineacarvalho)

TNHA - Me reconheço nas minhas Ancestrais (2020), ilustração digital

Ancestrais é a lembrança e o acompanhamento das mulheres ancestrais que andam junto de todas nós. Carregamos os sussurros, cantigas, cultura, história e todo o apoio delas para conosco. TNHA é estudante de Arquitetura e Urbanismo e Artes Plásticas. Tem interesse por arte urbana, a fim de comunicar uma realidade social como artista.

[instagram.com/tatuatainha](https://www.instagram.com/tatuatainha)

GISELE LIMA - Elas (2020), lenço, bordado e prosa, 25x25cm

"Partes de mim e partes delas. Da

prosa saíram relatos, histórias veladas e esquecidas no passado da família. Cheia de perguntas, fui arqueologicamente trazendo-as para a superfície. Resolvi registrá-las." Bacharela em Teoria, crítica e história da arte pela UnB. Estuda as poéticas têxteis e do feminino, como afetos se materializam em pontos, fios e tramas ao mesmo tempo que se transmutam em corpos e vivências.

[instagram.com/g.i.s.e.l.e.i.m.a](https://www.instagram.com/g.i.s.e.l.e.i.m.a)

RAÍSSA VILELA - Meu pai tem meu nome no pescoço (2018), fotografia, 3024x2005

"Ele tatuou meu nome no lugar onde tomou uma garrafada de briga e quase morreu, isso para mim é muito simbólico. Honro meu pai."

Cursa Pós-graduação em Produção Audiovisual Multiplataforma, é freelancer de edição de vídeos publicitários, se dedica à produção de conteúdos audiovisuais independentes e pretende abrir uma produtora.

[behance.net/abreuvilela](https://www.behance.net/abreuvilela)

BRIXX FURTADO E DANI FURTADO - Origens (2016), técnica mista, 24x21,5cm

A busca pela ancestralidade guia nossos passos para o futuro. A obra reflete sobre as descobertas durante a infância de forma ingênua e fantasiosa, onde tudo

é novo e desprezioso. Brixx possui o cerrado, arquitetura e memórias da infância como inspiração. Dani explora memórias afetivas através da costura criativa. As irmãs integram o coletivo Passarinho Colorido.

[instagram.com/brixxfurtado](https://www.instagram.com/brixxfurtado)

[instagram.com/daniella.furtado](https://www.instagram.com/daniella.furtado)

LUANA DINATO - Origem Dinato (2018), técnica mista (caneta nanquim e tinta acrílica), 297x210mm

"Revirando álbuns antigos, encontro essa foto de meus tataravós: pessoas de postura séria onde eu não encontro nenhuma afinidade. Decidi recriar quem seriam eles. Ao olhar a foto seriam sérios, mas eu saberia que nem tanto."

É graduanda em artes visuais, trabalha principalmente com desenho e pintura investigando a linguagem feminina no grotesco. Recentemente participou do 1º projeto coletivo do Vilarejo 21- Sob Peles e Casas.

[luanadinato.tumblr.com](https://www.luanadinato.tumblr.com)

RAVENA FONTENELE - Lembrança distante (2019), fotografia digital

Uma memória remota ligando-se com a realidade, a lembrança distante volta à tona. Um passado esquecido que retornou ao presente. Estudante de Artes Visuais na UnB voltada para as linguagens do desenho, fotografia e pintura, expressando

a singularidade das sensações, seja por meio da luz refletida ou das cores.

[instagram.com/pessoas_cromaticas](https://www.instagram.com/pessoas_cromaticas)

MILLE MONTENEGRO - Visão do corredor (2020), arte digital, 23x23cm

"Minha mãe vive em um constante medo de perder suas memórias. O histórico familiar de doenças neurológicas vem assombrando-a já há anos. Nós não escolhemos o que herdamos biologicamente de nossos pais." cursou Audiovisual e seu bacharel em Belas-artes no Japão. Hoje dedica-se à criação de personagens, seja para livros ou filmes, e criações autorais como exposições e HQ.

[mithifilstudio.com](https://www.mithifilstudio.com)

FERNANDA ALPINO - Mãe de mim (2019), colagem, 21,0x29,7cm

"Se pudéssemos aplicar o amor incondicional herdado involuntariamente de Maria primeira para nós mesmas. Hackear os símbolos, mudar a(s) história(s). Maternar a nós antes dos outros."

É diretora de teatro, atriz, performer e colagista. Recentemente tem buscado cada vez mais o encontro e a contaminação entre essas duas linguagens.

[instagram.com/fee.a.colagem](https://www.instagram.com/fee.a.colagem)

YNÁ KABE RODRÍGUEZ - Uma construção (ou faltam paredes na casa das pariceiras)' (2017), instalação, 3x1,5x2m

É investigado o processo de regularização do Recanto das Emas. Simultaneamente é proposto um tutorial de como construir a casa própria a partir experiências poéticas criadas ou apropriadas da Internet, livros de construção civil e anotações da artista. Travesti do Recanto das Emas, é bacharela em Artes Visuais pela UnB e mestra em Arte Contemporânea. Trabalha e sobrevive como artista-bá-curadora-pesquisadora. Já integrou diversas exposições coletivas pelo Brasil.

[instagram.com/travesteen](https://www.instagram.com/travesteen)

RAFAELA KALAFFA - Costuras (2020), bricolagem: máquina de costura tipo overloque, novelo de linha, ramos de batata doce e vela, suporte em fotografia digital, 32x64x68cm

"Alimentar a overloque com ramos é uma forma de brincar e rezar com minhas memórias avós. Costuro imagens e sentimentos que me levam para Minas Gerais, de onde vieram, e aprofundo as raízes." É designer de moda, pesquisadora transdisciplinar, artista visual, bordadeira e doula. Explora temáticas a respeito do tempo, culturas matrísticas

e a cidade como banco de dados aberto.

[instagram.com/kalaffa](https://www.instagram.com/kalaffa)



ficha técnica **BALEIA**

BALEIA | Ciclo #2 | *HERANÇAS DESLEMBRADAS*

Curadora LUISA GÜNTHER

Coordenadora geral BEATRIZ CHAVES

Diretora artística ELISA FREITAS

Produtora executiva BEATRIZ RAMOS

Assessora de comunicação JOCELINE GOMES

Identidade visual RAQUEL CÂMARA

Webdesigner ESTÚDIO CAJUÍNA | FLORA EGÉCIA E BIANCA NOVAIS

Contadora BRUNA LOPES

ARTISTAS

Alexandra Martins | Ana Gulart | Barbara Paz | Brixx Furtado e Dani Furtado | Bruna Braz | Cássia Olivier | Fernanda Alpino | Gisele Lima | Karol Carvalho | Laura Dorneles do Amaral | Lílian Saeko | Luana Dinato | Michelle Bastos | Mille Montenegro | Rafaela Kalaffa | Raíssa Vilela | Ravena Fontenele | TNHA | Yná Kabe Rodriguez

baleiadf.com.br

[instagram.com/baleiadf](https://www.instagram.com/baleiadf)

[facebook.com/baleiadf](https://www.facebook.com/baleiadf)

Esta publicação foi composta nas fontes Barlow e Barlow Condensed. Miolo impresso em papel offset 90g e capa impressa em papel couché fosco 150g. Tiragem de 500 exemplares. Distribuição gratuita. ISBN 978-65-00-12829-1.

Este projeto é realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do DF

FAC FUNDO DE APOIO À
CULTURA
DO DISTRITO FEDERAL

Secretaria de
Cultura e
Economia Criativa



alexandra MARTINS
ana GULART
barbara PAZ
beatriz CHAVES
beatriz RAMOS
brixx FURTADO
dani FURTADO
bianca NOVAIS
bruna BRAZ
bruna LOPES
cássia OLIVIER
elisa FREITAS
fernanda ALPINO
flora EGÉCIA
gisele LIMA
joceline GOMES
karol CARVALHO
laura dorneles do AMARAL
lílian SAEKO
luana DINATO
luisa GÜNTHER
michelle BASTOS
mille MONTENEGRO
rafaela KALAFFA
raíssa VILELA
raquel CÂMARA
TNHA
ravenna FONTENELE
yná kabe RODRÍGUEZ



Reprodução da
edição #3 da zine
BALEIA, lançada em
março de 2021.

BALEIA



#3

BALEIA

BALEIA #3 | *DIANTE DO ESPELHO*
curadoria - **Raquel Pellicano**

Brasília, março 2021

sobre a BALEIA

Somos um projeto de mapeamento, publicação e premiação de mulheres artistas visuais do DF e entorno. Propomos quatro seletivas públicas e gratuitas ao longo de 2020/2021 - graças a recursos do Fundo de Apoio à Cultura do DF. Em cada uma, uma curadora define um tema e seleciona, a partir das inscrições, 20 trabalhos que são publicados em formato de zine. Há também uma votação popular entre esses trabalhos e a ganhadora de cada ciclo recebe um prêmio em dinheiro. Um projeto empoderador, todo feito por e para mulheres.

Mas por que "baleia"? A palavra que deveria humilhar as pessoas "fora dos padrões" lembra que este é um ser complexo: parece peixe mas é o maior mamífero do mundo; mergulha profundezas, aguenta horas sem ar e depois emerge pleníssima à superfície. Parecem calmas e inofensivas, mas podem ser letais se ignoradas em sua força. Nosso projeto vai trazer essas mulheres discriminadas e invisibilizadas para a superfície, com toda a potência, sua e de seu trabalho. Outro nome melhor não há, né não?

A primeira seletiva propôs o tema Tempo Circular, para que as artistas pudessem mostrar como têm habitado o cotidiano nesse momento de pandemia. Em Heranças Deslembradas, nossa segunda convocatória, convidamos as artistas a olharem para suas memórias. Ao todo, foram mais de 200 inscrições, 500 cópias de cada edição da publicação distribuídas por todo o DF e mais de 4.500 votos na fase de votação popular dos dois primeiros ciclos.

Para o tema desta terceira edição, "Diante do Espelho", proposto pela curadora Raquel Pellicano, é tempo de olhar para si. Como seu reflexo interfere na realidade à sua volta? Qual a potência do que vemos no espelho? Em seus diálogos internos, que imagens se revelam? Folheando esta zine, você encontrará respostas de 20 artistas do DF e Entorno. Aproveite!



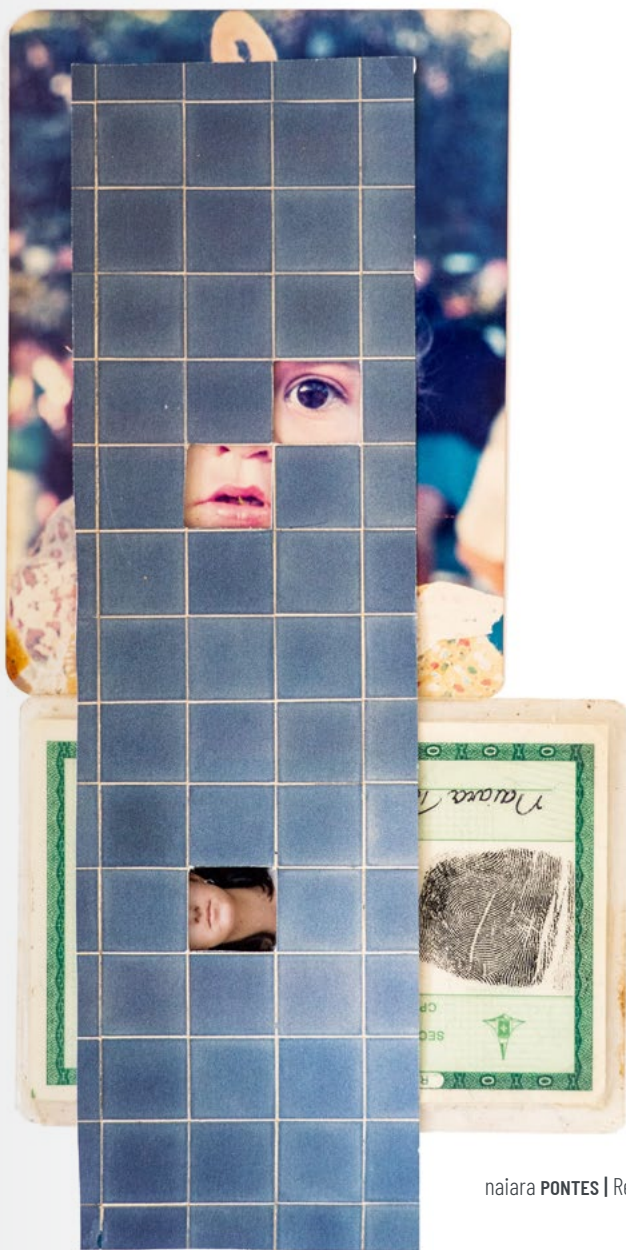
texto

CURATORIAL

Por Raquel Pellicano

Estamos acostumadas a olhar em volta, a nos relacionar com o mundo trazendo ações que carregam nossas tantas questões humanas. Agora, com a pandemia que vivenciamos de forma intensa, fomos obrigadas a parar e a viver em isolamento. Ao pausar processos e alterar rumos pré-concebidos, olhar para dentro deixou de ser uma escolha de meditação pontual - passamos a nos relacionar de perto com nossos anjos e demônios. Nos deparamos com um olhar em close das cicatrizes, externas e internas, que fazem parte da construção da nossa história.

O tema que desenhou a curadoria da zine #3 do projeto Baleia, foi um convite para um diálogo interno aprofundado - uma observação sem julgamentos do que encontramos ao mergulhar em nossa própria imagem, ao conversar com o espelho. Vimos, transformadas em produções artísticas, muitas nuances dessa infindável caminhada em busca do autoconhecimento. Convido-a a folhear este zine também sem ideias pré-concebidas, e a se ver refletida nesses tantos espelhos, cheios de luzes e sombras. Traga sua própria bagagem, coloque-se, respeitosamente, no lugar de tantas mulheres, e ouça suas vozes em coro.



naiara PONTES | Reencontro (2021)



larissa do VALE | Silêncio (2021)



raquel NAVA | Piranha (2015)

Recomendações da Mamãe :

1. Se alguém te bater você bate também
2. Só obedece se souber o porquê
3. Homem, affe

Recomendações da Mamãe :

1. Manda logo tomar no cu

Recomendações da Mamãe :

1. destrua o patrimônio e ataque templos
2. incendeie carros e apedreje ônibus
3. leve o caos aos principais centros urbanos

usha VELASCO | Recomendações de Mamãe 1, 2 e 3 (2020)



lara **ABREU** | Sob uma nova face (2020)



fernanda **PACCA** | Grito mudo (2020)





tatiana REIS | Notas sobre meu corpo pós-parto (2020)

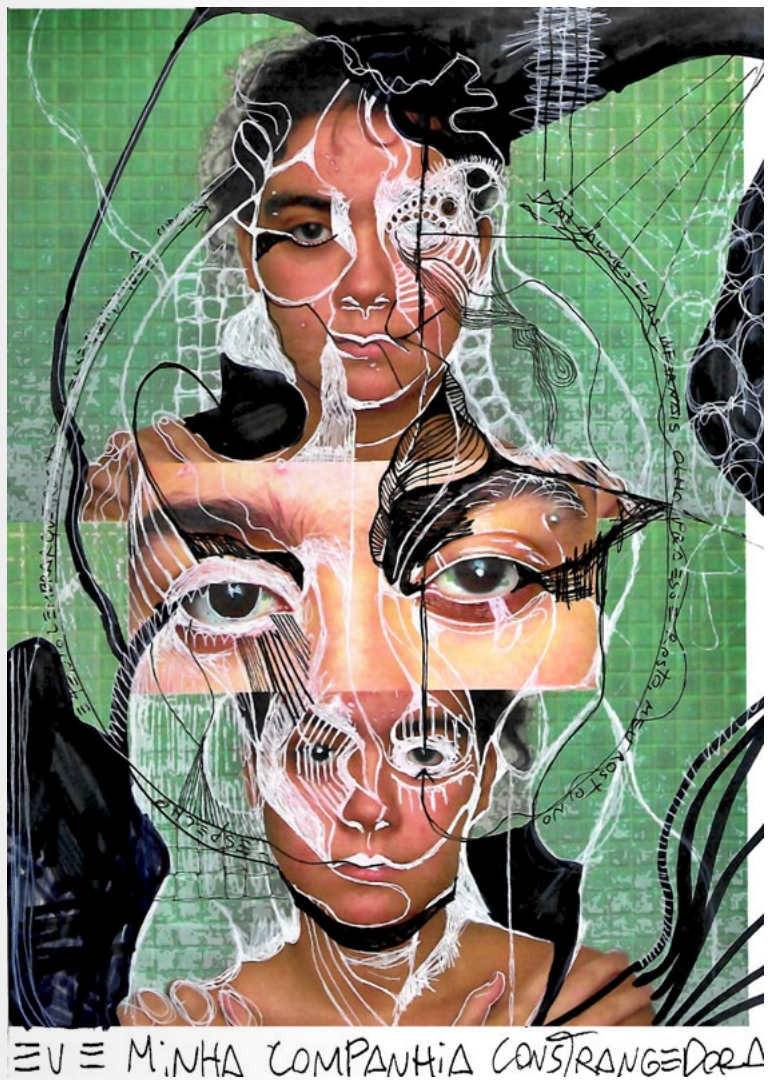


marta MENCARINI | Livre Demanda (2020)

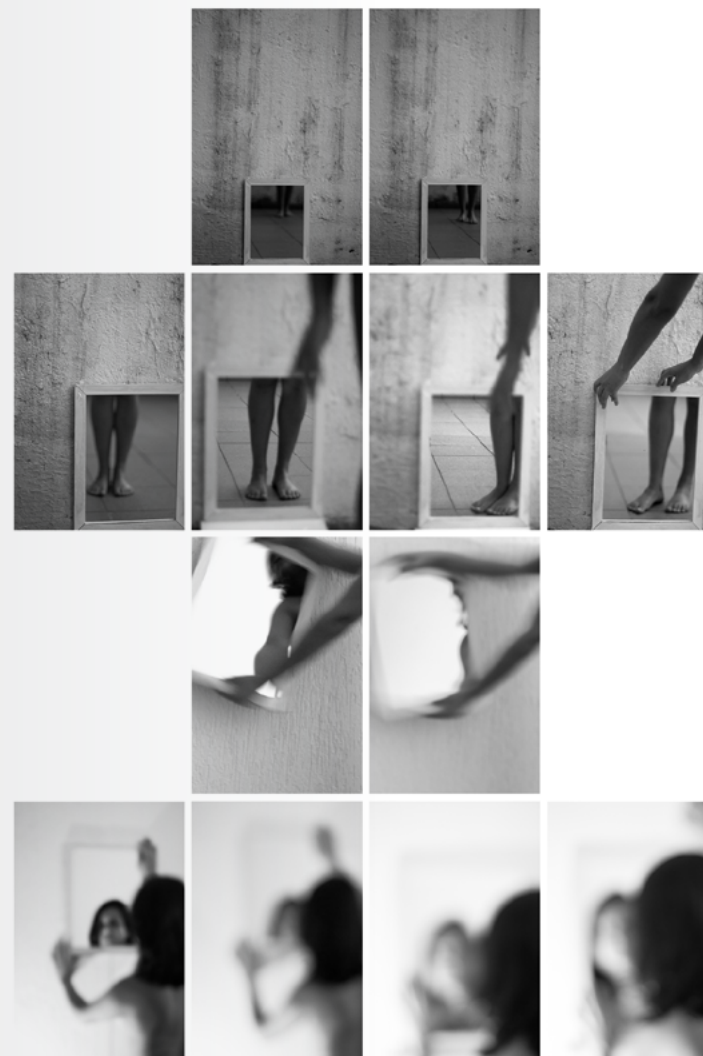
ana lídia rodrigues **NEVES** | Tudo começa e termina em mim 8 (2020)



brenda **LEE** | Semear (2020)



manu **DIB** | Eu e minha companhia constrangedora (2020)



dani **ALMEIDA** | Paralaxe (2016)



Iuda **AQUARELUDA** | Orosboros Self (2018)

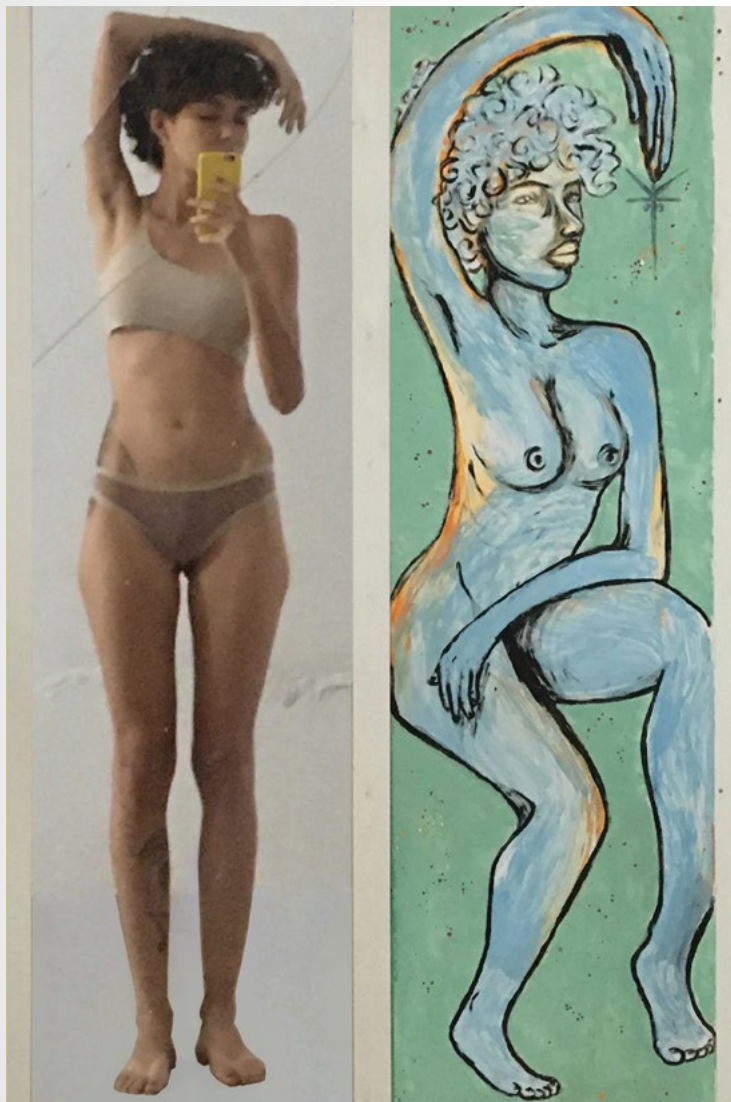
util-se um momento suspenso
se, doo este momento
sim por os pés em terra firme
é suspenso que conseguimos realizar
passagens
da carne ao osso
do espírito à memória



ana flora bavaresco **GOMES** | Do espírito à memória (2020)



diana SALU | 5 movimientos / corpo-mundo (2018)



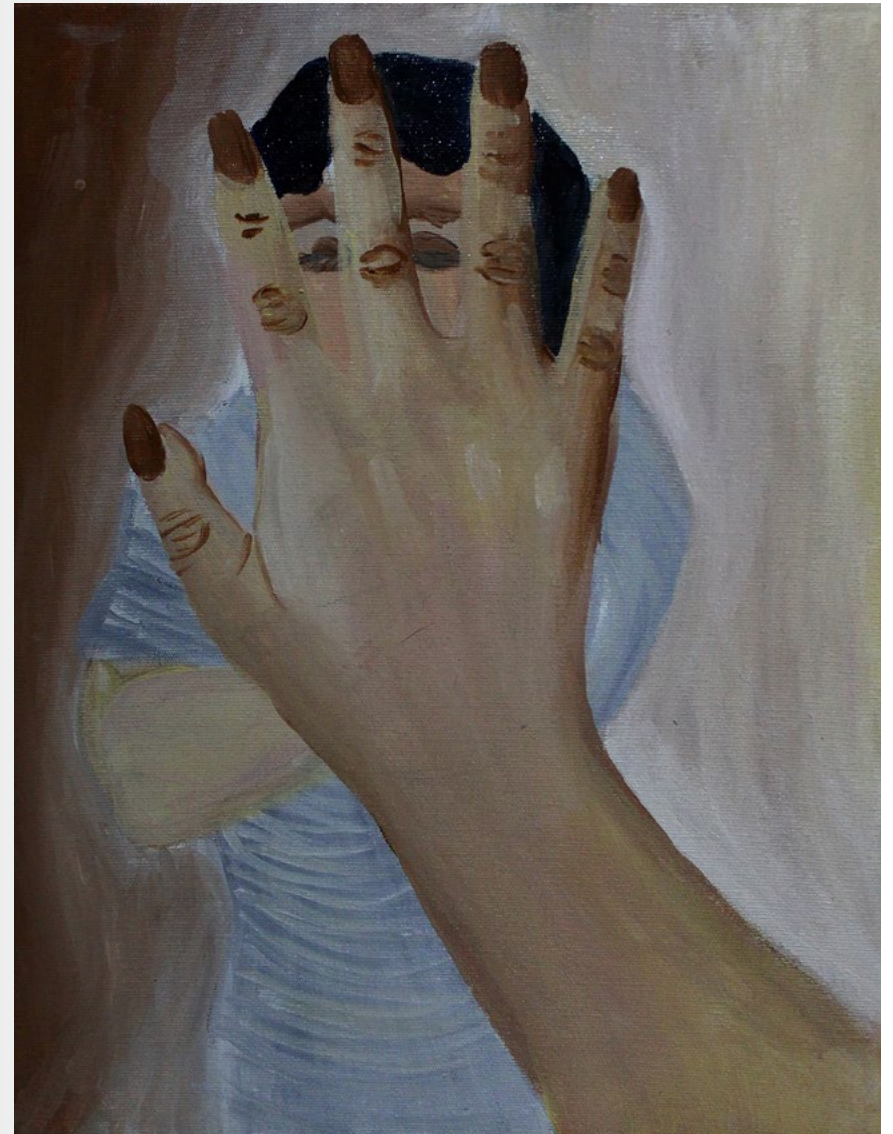
yandra ramos **BRAGA** | Eu me vejo atrás do espelho (2020)



tércia **PAIVA** | Reflexos (2020)



gabriela GARAVELLI | Dúvida (2021)



anace LIMA | Selfie-love I (2021)

ficha técnica **ARTISTAS**

NAIARA PONTES – Reencontro (2021), colagem analógica, 21x29,7cm

“Para fazer essa imagem pensei em como reencontrar-me com a criança que fui, com a mulher que sou. Os azulejos me remetem a lembranças da escola, da casa da tia e da cidade natal. Deixo que apareça aquilo que me conecta com a mulher que sou hoje.”

É fotógrafa e artista visual. Colagista desde 2018 e co-fundadora do Clube de Colagem de Brasília. Tem um pé na política e outro na arte, com um olhar poético sobre o cotidiano.

www.naiarapontes.com

LARISSA DO VALE – Silêncio (2021), giz pastel seco sobre papel 220g, 29,7x21cm

“A obra é um autorretrato que revela uma luta interna com a expressão e o constante olhar para dentro.” Bacharel em Engenharia Florestal e Mestre em Ciências Florestais pela UnB, é marceneira desde 2019, quando abriu o Ateliê Sumaúma. Em 2020 fez seu primeiro curso de desenho e desde então faz uma série de retratos de mulheres.

[instagram.com/laaaaaari](https://www.instagram.com/laaaaaari)

RAQUEL NAVA – Piranha (2015), foto-

grafia digital, dimensões variáveis

“Na obra, beijo o peixe mumificado que está diante de mim como reflexo do meu próprio espelho. A imagem é uma provocação àquelas que querem diminuir uma mulher chamando-a de piranha, e um apelo à liberdade.” Investiga o ciclo da matéria orgânica e inorgânica em relação aos desejos e hábitos culturais, usando taxidermia e restos biológicos de animais justapostos a materiais industrializados em suas instalações, objetos e fotografias.

www.raquelnava.net

USHA VELASCO – Recomendações de Mamãe 1, 2 e 3 (2020), apropriação, escrita e colagem digital, 24x17cm

“A potência que vejo no espelho é a que herdei da minha mãe, e também a que ela me ensinou. Com o título de uma nota manuscrita de Drummond, a obra traduz a potência herdada e ensinada: com três frases que ela dizia na minha infância, com uma frase da adolescência, e com uma fala de Dilma Rousseff que se tornou meme.” É artista visual, editora e designer. Seu trabalho tem como questão central o tempo, abordado em colagens de fotos atuais

com fotos antigas, fragmentos de textos e outros elementos.

[instagram.com/ushavelasco](https://www.instagram.com/ushavelasco)

LARA ABREU – Sob uma nova face (2020), autorretrato fotográfico, 5400x1500 pixels

“A obra me retrata sob a descoberta de uma nova realidade, um novo lado de mim e do mundo em que vivo, mas também relembra uma jovem refletida e emoldurada em suas obras.” Tem 19 anos, mora em Planaltina/DF e cursa Artes Visuais na UnB. Entrou no campo artístico com o ingresso na faculdade, busca em suas obras trazer uma abertura de interpretações, propondo ao espectador refletir sobre si e a sociedade em que está inserido.

[instagram.com/abreeulara](https://www.instagram.com/abreeulara)

FERNANDA PACCA – Grito mudo (2020), linhas de costura e adesivo sobre papel Hahnemühler 600, 44x43cm

“Ser esse que rompe em dor e dilacera um grito estancado no limite. A imagem mostra o sufocamento, o desespero e a penúria daquele que sofre. Pode ser o suspiro que antecede a morte. Não há olhos, apenas o congelamento da angústia.” Envolvida na atmosfera de imersão íntima, expressa aspectos de sua singularidade feminina e produz sentido próprio à vida e

às obras. Com sua técnica autoral de sobrepor linhas de costura na tela, produz figuras humanas baseadas em seus incômodos.

[instagram.com/fernandapacca](https://www.instagram.com/fernandapacca)

JOANA AMARAL – Projeções (2021), fotografia, 1890x1260 pixels

“A obra é uma montagem na qual projeto em mim fotos daquelas que identifico como as principais influências do meu eu atual. Expus pontos externos e internos em busca de continuar a discussão sobre a importância de romper padrões impostos por uma sociedade machista, violenta e opressora.” Nascida em Brasília, é fotógrafa iniciante e cresceu cercada de influências de variadas linguagens. Em suas obras, explora uma mistura do que é belo e simétrico, misterioso e psicodélico, em busca de expor e fazer sentir novas sensações.

[instagram.com/jaunejoana](https://www.instagram.com/jaunejoana)

TATIANA REIS – Notas sobre meu corpo pós-parto (2020), colagem digital, fotografia digital, dimensões variadas

“Desde que me vi mãe, também me vi corpo estranho. Do processo potente de me expandir até o recolher e sobrar. Sobras, rugas, cicatrizes, potências. Um corpo porto, um corpo ilha, um oceano, corpo macio, rugoso, mole. Largo, grande, árido, flácido, elástico.

Um corpo forte, o meu corpo.” É fotógrafa e artista visual. Seu trabalho tem origem em memória, cartografia afetiva, corpo e maternagens. Documenta o puerpério, o corpo materno e sua relação com as filhas através de fotografias, textos e esculturas.

[instagram.com/atatianareis](https://www.instagram.com/atatianareis)

MARTA MENCARINI - Livre Demanda (2020), acrílica sobre tela, 54x65cm

“A amamentação não define o que é ou deixa de ser uma mãe. Amamentar é nutrir com o melhor alimento, um ato de resiliência que cobra seu quinhão, num misto de apego e aprisionamento. Na obra, busco traçar questões sobre o envolvimento e a intimidade entre mãe e filha em um processo simultâneo de nutrir uma à outra.” Faz Doutorado em Artes pela UnB, é integrante do Coletivo Matriz e Grupo Mesa de Luz. Atualmente pesquisa Feminismos e Maternagem.

www.martamencarini.com

ANA LIDIA RODRIGUES NEVES - Tudo começa e termina em mim 8 (2020), costura sobre papel fotográfico e tecido, 30x25cm

“Existe um forte enleio entre o autorretrato e o desejo narcísico. O olhar de artista sobre si mesmo: eu desejo meu corpo enquanto objeto de arte e que-

ro que seja desejado também. A obra é uma tentativa de re-presentar corpos gordos em narrativas de dor, sexualidade, despedida e afeto a partir da minha trajetória.” As linguagens artísticas sempre atravessaram sua vida, esteve imersa em rabiscos muito antes de aprender a escrever. Seu trabalho constitui-se principalmente de pintura e desenho, cria a partir de suas vivências, se desfaz em eternas confissões: um amontoado de desejo, memória e medo.

[instagram.com/ursodeplutao](https://www.instagram.com/ursodeplutao)

BRENDA LEE - Semear (2020), colagem analógica, 20x25cm

“A obra é uma colagem de panfleto, papel e pedaços. Eu sou Brenda Lee, filha de minha mãe e meu pai, neta de meus avós e não sei se sou triste, ou se apenas não aguento mais tanto desca-so no Brasil com a pandemia de Covid-19.” Integrante do @clubedecolagembsb

[instagram.com/brocolees](https://www.instagram.com/brocolees)

MANU DIB - Eu e minha companhia constrangedora (2020), desenho de nanquim sobre foto impressa, 21x29,7cm

“Essa foi uma obra de começo de quarentena, começou com uma montagem virtual com minhas próprias fotos que depois de im-pressa foi passando pelo o que

eu vi que era um processo de destruição da imagem por meio do desenho.” Desenhista e pintora brasileira de 20 anos, atualmente cursando Artes Visuais na UnB. Gosta de utilizar acúmulos e de uma estética de poluição visual para tratar dos desconfortos de ser um bicho vivo.

www.behance.net/manueladib

DANI ALMEIDA - Paralaxe (2016), fotografia digital, 1713x2539 pixels

“A série de autorretratos tem início com imagens nítidas e subexpostas, com os membros que nos levam a algum lugar indicando a trajetória de investigação do eu. Do corpo sólido ao diáfano, o trabalho pretende indicar a ruptura na solidez da identidade.” Busca captar imagens que permitam dialogar com o espectador. Não se considera artista, não se considera fotógrafa, mas esse desejo antigo de expressão persiste.

[instagram.com/danielleapereira](https://www.instagram.com/danielleapereira)

LUDA AQUARELUDA - Orosboros Self (2018), aquarela e acrílica sobre papel preto, 40x40cm

“Mais que uma imagem no espelho, é o reconhecimento da consciência que percebe isso tudo. Nela, estou no mundo e me sinto o mundo.” Luda se manifesta pintando Aquareludas com seres abraçantes. Como artista

e praticante de meditação, junta os dois com carinho. É formada em design gráfico na UnB, cria seus próprios livros e se dedica a criações artísticas próprias.

[instagram.com/luda.art.love](https://www.instagram.com/luda.art.love)

ANA FLORA BAVARESCO GOMES - Do espírito à memória (2020), foto polaroid e escrito em papel de origami

“Vive-se um momento suspenso / Se doa este momento / Sem pôr os pés em terra firme / É suspendendo que conseguimos realizar passagem / Da carne ao osso / Do espírito à memória.”

Brasileira de 19 anos, cursa bacharelado em Artes Visuais na UnB. Sempre foi uma observadora curiosa, hoje busca usar desse olhar que carrega desde criança de forma sentimental e simplificada em seu trabalho.

[instagram.com/florildis](https://www.instagram.com/florildis)

DIANA SALU - 5 movimentos / corpo-mundo (2018), colagem digital, dimensões variáveis

“A série traduz a pesquisa das correlações entre corpo e paisagem. Sendo a paisagem o espaço de construção de horizontes e de projeção da natureza, como se cria o corpo em relação à paisagem? Olhar de dentro para fora e de volta permite descobrir as diferentes paisagens em que o corpo habita e que por sua vez

se fazem no corpo.” Diana Salu é artista, escritora e publicadora. Graduada em Artes Plásticas pela Universidade de Brasília, tem em sua trajetória uma conexão com o fazer artístico autoral, independente, dissidente.

[instagram.com/diana.salu](https://www.instagram.com/diana.salu)

YANDRA RAMOS BRAGA - Eu me vejo atrás do espelho (2020), acrílica sobre MDF, 188x60cm

“Eu sempre me incomodei com o meu reflexo, pouco me importa as aparências, me incomoda a carne. Eu não me reconheço no meu reflexo. Antes de pintar essa imagem eu encarei o meu reflexo até ficar com medo, virei o espelho me pinte do avesso, agora sim eu me reconheço.” Sempre se considerou artista. Trabalha com grafite, publicou seu primeiro livro de poesia e viajou por vários lugares do Brasil através da arte de rua.

[instagram.com/yra_dran](https://www.instagram.com/yra_dran)

TÉRCIA PAIVA - Reflexos (2020), tinta de tecido sobre tela, 30x40cm

“O reflexo no espelho é o eu presente, e a nossa casa nos acolhe e mostra que estamos rodeados de espelhos com diversas versões de nós em tempos diferentes. A conexão com a casa transmite a nossa autenticidade em objetos que constroem a nossa identidade como pessoa.” Brasileira

e estudante de arquitetura, iniciante nas artes plásticas. Tem como lema a arte como um processo de autoconhecimento e aprendizagem.

[instagram.com/estudioawira](https://www.instagram.com/estudioawira)

GABRIELA GARAVELI - Dúvida (2021), colagem digital

“A obra surgiu a partir de um grande período sem produzir, onde eu havia decidido tentar descobrir quem sou. A obra parte de uma fotografia minha onde todo o meu ser é preenchido com dúvidas.” Arquiteta, fotógrafa e estudante de Teoria, Crítica e História da Arte na UnB. Seus interesses são a arte do pós-guerra, o papel das mulheres na história da arte e a expressão do corpo humano.

www.behance.net/gabrielagaravelli

ANACE LIMA - Selfie-love I (2021), acrílica sobre tela, 35x27cm

“A minha produção artística parte do lugar de observação sobre mim mesma. Realizo autorretratos fotográficos e a partir deles elaboro as pinturas. Nomeio essa produção de narrativas da intimidade.” Anace interessa-se pelas relações das artes visuais com a filosofia e com questões de gênero. É artista transdisciplinar. Suas pinturas tratam de estados do corpo e de narrativas de intimidade.

[anacelima.com.br](https://www.anacelima.com.br)

ficha técnica **BALEIA**

BALEIA | Ciclo #3 | *DIANTE DO ESPELHO*

Curadora **RAQUEL PELLICANO**

Coordenadora geral **BEATRIZ CHAVES**

Diretora artística **ELISA FREITAS**

Produtora executiva **BEATRIZ RAMOS**

Assessora de comunicação **JOCELINE GOMES**

Identidade visual **RAQUEL CÂMARA**

Webdesigner **ESTÚDIO CAJUÍNA** | FLORA EGÉCIA E BIANCA NOVAIS

Contadora **BRUNA LOPES**

ARTISTAS

Anace Lima | Ana Flora Bavaresco Gomes | Ana Lidia Rodrigues Neves | Brenda Lee | Dani Almeida | Diana Salu | Fernanda Pacca | Gabriela Garavelli | Joana Amaral | Lara Abreu | Larissa do Vale | Luda Aquareluda | Manu Dib | Marta Mencarini | Naiara Pontes | Raquel Nava | Tatiana Reis | Tércia Paiva | Usha Velasco | Yandra Ramos Braga

[baleiadf.com.br](https://www.baleiadf.com.br)

[instagram.com/baleiadf](https://www.instagram.com/baleiadf)

[facebook.com/baleiadf](https://www.facebook.com/baleiadf)

Esta publicação foi composta nas fontes Barlow e Barlow Condensed. Miolo impresso em papel offset 90g e capa impressa em papel couché fosco 150g. Tiragem de 500 exemplares. Distribuição gratuita. ISBN 978-65-00-17869-2.

Este projeto é realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do DF

FAC FUNDO DE APOIO À
CULTURA
DO DISTRITO FEDERAL

Secretaria de
Cultura e
Economia Criativa



anace LIMA
ana flora BAVARESCO GOMES
ana lídia RODRIGUES NEVES
beatriz CHAVES
beatriz RAMOS
brenda LEE
bianca NOVAIS
bruna LOPES
dani ALMEIDA
diana SALU
elisa FREITAS
fernanda PACCA
flora EGÉCIA
gabriela GARAVELLI
joana AMARAL
joceline GOMES
lara ABREU
larissa DO VALE
luda AQUARELUDA
manu DIB
marta MENCARINI
naiara PONTES
raquel CÂMARA
raquel NAVA
raquel PELLICANO
tatiana REIS
tércia PAIVA
usha VELASCO
yandra ramos BRAGA



Reprodução da
edição #4 da zine
BALEIA, lançada em
julho de 2021.

BALEIA



#4

BALEIA

BALEIA #4 | *FUTUROS POSSÍVEIS*
curadoria - **Camila Soato**

Brasília, junho 2021

sobre a BALEIA

Somos um projeto de mapeamento, publicação e premiação de mulheres artistas visuais no DF e Entorno. Propomos quatro seletivas públicas e gratuitas ao longo de 2020/2021 - graças a recursos do Fundo de Apoio à Cultura do DF. Em cada uma, uma curadora definiu um tema e selecionou, a partir das inscrições, 20 trabalhos que foram publicados em formato de zine. Houve também votações populares entre esses trabalhos e a ganhadora recebeu um prêmio em dinheiro em cada ciclo. Um projeto empoderador, todo feito por e para mulheres.

Mas por que “baleia”? A palavra que deveria humilhar as pessoas “fora dos padrões” lembra que este é um ser complexo: parece peixe mas é o maior mamífero do mundo; mergulha profundezas, aguenta horas sem ar e depois emerge pleníssima à superfície. Parecem calmas e inofensivas, mas podem ser letais se ignoradas em sua força. Nosso projeto visou trazer essas mulheres discriminadas e invisibilizadas para a superfície, com toda a potência, sua e de seu trabalho. Outro nome melhor não havia, né não?

A primeira seletiva propôs o tema O Tempo Circular, para que as artistas pudessem mostrar como têm habitado o cotidiano nesse momento de pandemia. Em Heranças Deslembradas, nossa segunda convocatória, convidamos as artistas a olharem para suas memórias. Na terceira seletiva, Diante do Espelho, foi tempo de olhar para si. Ao todo, foram mais de 300 inscrições, 500 cópias de cada edição da publicação distribuídas por todo o DF e mais de 7.500 votos na fase de votação popular dos três primeiros ciclos.

Para o tema desta quarta e última edição, Futuros Possíveis, proposto pela curadora Camila Soato, é tempo de olhar para frente, começar onde está, usando o que tem, sendo quem é. Folheando esta zine, você encontrará respostas ao tema de 21 artistas do DF e Entorno. Aproveite!

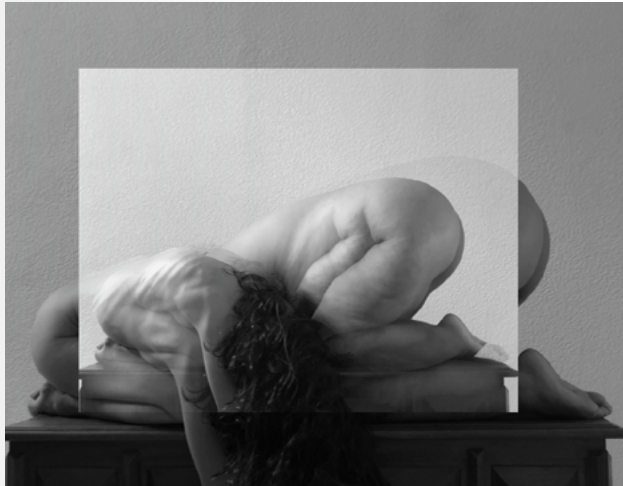


texto

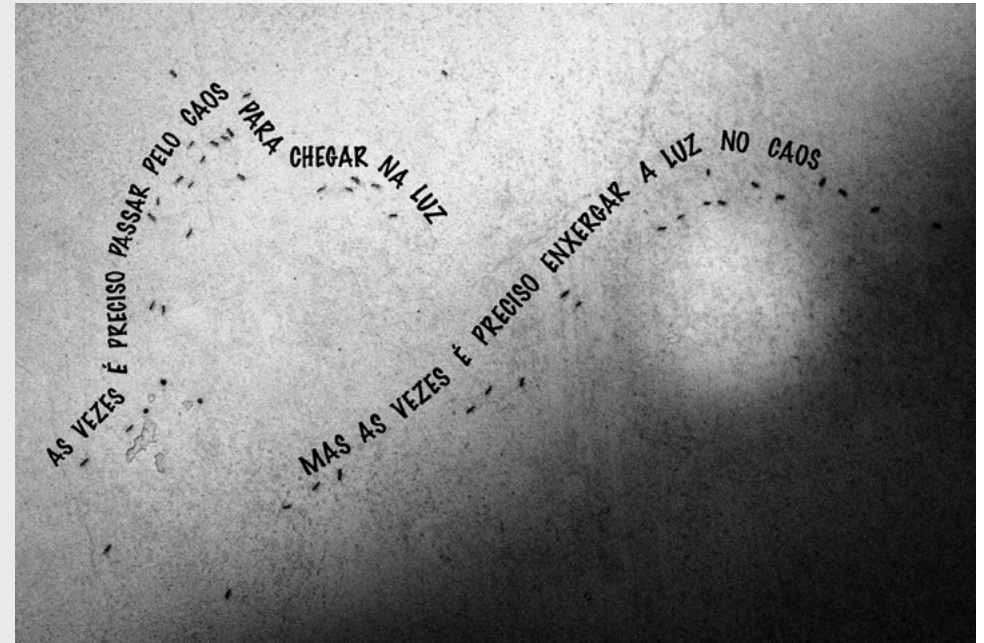
CURATORIAL

Por Camila Soato

Se não tem tu vai tu mesmo, se não tem cão caça com gato, ou tantas outras variantes, são expressões populares que dizem sobre se conformar com aquilo que se tem em mãos mesmo não sendo o ideal. E que ideal é esse? Não é apenas a ação de se conformar de forma pacata, no sentido de aceitar qualquer coisa, mas o de transformar. Resumindo a grosso modo: dar valor ao que está à nossa volta, olhar com carinho o que conquistamos, o que sentimos, o que somos, sem buscar em padrões impostos um modelo a ser seguido ou almejado. Para isso é preciso reconfigurar os moldes que nos enfiaram goela abaixo. Abandonar os resultados esperados. Jogar. Deixar de lado as sensações já catalogadas e mergulhar no desconhecido, improvisar, criar gambiarras, inventar caminhos que não se resumem em opostos, binarismos e dualidades. Em um contexto carregado de modelos pré-estabelecidos e uma história registrada e contada pelo olhar hegemônico do patriarcado é necessário o avesso, as frestas, o resto e tudo aquilo fora do que foi programado. O que se tem pra hoje é a história que nos colocamos como protagonistas, o tempo e memórias que inventamos e os materiais que temos em mãos, para construirmos um porvir dinâmico e próspero, construirmos futuros possíveis.



alla **SOÛB D'NADAH** - Diferençencontro (2020)



patricia **AGUIAR** | Luz no caos (2020)



ester **CRUZ** | Clássico 90'2000 (2020)



dávilla **DE SOUSA SANTOS** | A grande mãe (2021)



v3russ | O novo human@ (2019)



ana clara RODRIGUES | Autodominio (2019)



akimi **WATANABE** | Um segundo para o limite (2020)



nuára **VISINTIN** | Armadura (2020)



ana rosa **NABUCO DA FONSECA** | Branco, Amarelo, Vermelho e Preto (2020)



malu **ENGEL** | Pulmão (2015)





Tenho percorrido espaços de mim
que são encruzilhadas,
mas que já foram labirintos,
lineares e construídos
em uma lógica moderna,
com traços
concretistas,
minimalistas,
racionalistas.



Tenho percorrido espaços dentro
de mim y ficado
aos poucos
cada vez
mais ao
avesso,
por isso agora vejo;



meu corpo é a cidade que me encontro
meu corpo é a cidade que me conta
Tenho sido sonhado y desenhado, então
meu corpo programado pelas mãos alvas e limpas,
foi posto no mundo pelas mãos de pau de arara,
que construiram
tudo que vem da terra
e tudo que está
à minha volta
Tenho sido esse corpo que
nasceu feto quase natimorto,



mas aflorou como fluido contínuo dos que com sede
pisaram nessa terra e encontraram água antes de mim;
tenho sido nascente no cerrado,
nascente que foi sonhada lá no sertão;
mas regaram meu corpo também
y nós dois sabemos disso.
o suor, as lágrimas
e o sangue regaram o
cimento.



Por isso me encasulo,
pra arredondar as retas;
Agora não há mais tantos labirintos
no corpo; nós temos aprendido a dançar
no planalto central
de cruz a encruzilhada;
fui o ponto de encontro,
a oferta de eja;
Y pelo suor,
as lágrimas
e o sangue
aprendi a dançar os braços e as mãos,
mas a cabeça não.



Porém, com tantas linhas e planos
existem muitos labirintos que a mente
ainda insiste em se perder, assim
sinto que preciso dizer:
orí é lama;
é preciso remodelar
pra renascer



então leva os teus pensamentos pro pé, y do pé anda
por terras circulares
pra que elas possam
dar novas memórias
pras pedras,
pra que elas possam fazer
fluir melhor as águas.



aysha LUÍZA SILVA | Contemporary Art (2021)



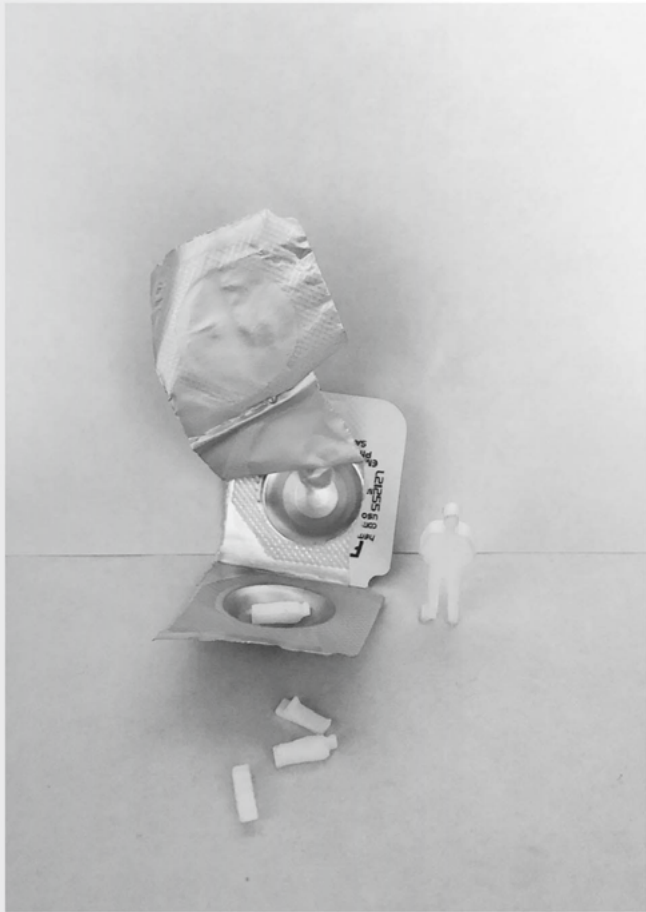
LYV | black and proud (2020)



gabrielly ROSÁRIO | Aplistia (2021)



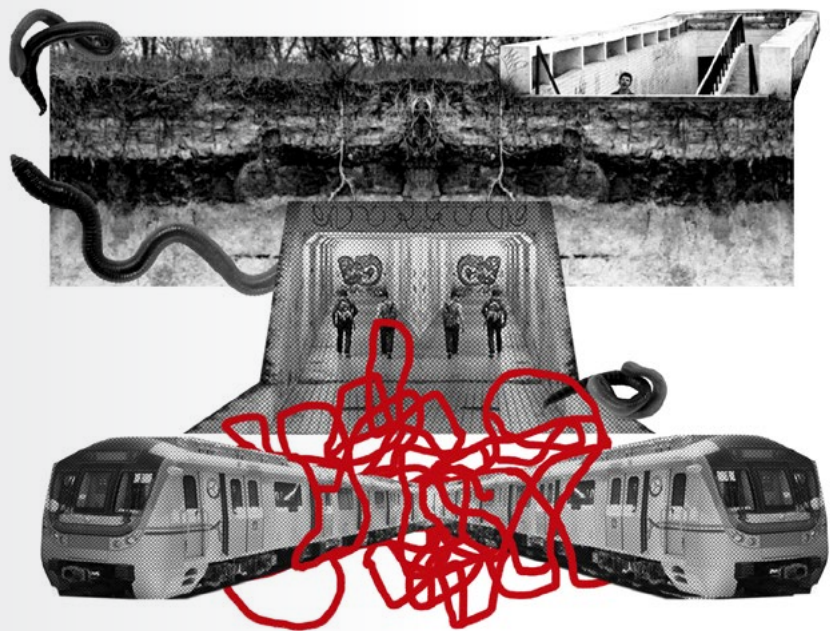
talime TELESKA | Conexão (2021)



jamila **MARIA** | Novas Formas de Fazer Amizade (2021)



maria clara **VIEIRA** | Tecendo o Futuro (2021)



nara BARBOSA | Solo Fértil (2021)



poney HANDS UP | Criatura das sombras (2021)



fernanda EVANGELISTA | Se repete (2021)



carli AYÔ | Corpos Fluidos / o corpo como casa (2020)

ficha técnica **ARTISTAS**

**ALLA SOÛB D'NADAH - Diferençen-
contro (2020), fotografia digital,
dimensões variáveis; fotografia de
Rhaiza Oliveira, colaboradora Thaisa
Taguatinga**

"A obra é um conjunto de fotorperformances que conjuram futuros com mais proximidade e com-tato entre as diferenças. Dançando sobre o vazio, esses corpos rebelam suas dissimetrias. A exaltação das diferenças é caminho fortuito para a construção de futuros equânimes." É doutoranda em Poéticas Transversais pela UnB. Sua pesquisa atual versa sobre possibilidades textuais para registros de performance e desestigmatização do corpo gordo.

[instagram.com/soubdnadah/](https://www.instagram.com/soubdnadah/)

**PATRÍCIA AGUIAR - Luz no caos
(2020), escrita sobre imagem e
fotografia, 53,55x35,63cm**

"Às vezes é preciso passar pelo caos para chegar na luz, mas às vezes é preciso enxergar a luz no caos." Formada em fotografia pelo lesb, participou de 4 exposições durante o curso (2016-2017), formou um coletivo com mais duas mulheres chamado nunsensi (2018-atual), participou de feiras

e exposições.

[instagram.com/prazerpat](https://www.instagram.com/prazerpat)

**ESTER CRUZ - Clássico 90'2000
(2020), fotografia, 40x60cm**

"Mescla do velho, novo, herança e identidade. Pluralidades específicas de cada um(a). Perspectivas do sensível e suas manifestações. O bem viver da liberta juventude negra." Nascida em 1998, é fotógrafa, webdesigner, produtora e diretora de fotografia, formada em Fotografia no lesb. Tendo em seu trabalho o foco na estética negra, seus retratos são usados como uma busca para desenvolver um novo olhar ao negro.

[instagram.com/stacruzgraphy](https://www.instagram.com/stacruzgraphy)

**DÁVILLA DE SOUSA SANTOS - A
grande mãe (2021), acrílica sobre
parede, 4x7m**

"A representação de maternagem daquela que não nos gerou mas nos criou, Mãe Terra tão fértil e cuidadosa que zela pelos filhos a todo instante. A natureza tão feminina que habita em todas nós mulheres, fala que todos os futuros são possíveis e que é aqui e agora o momento de sonhar e viver." Uma menina mulher de 26 anos que almeja conquistar o mundo fazendo trocas e colorin-

do todos os lugares que visitar. É autodidata, transforma todos os seus sentimentos para criar algo novo e artístico.

[instagram.com/lividaarteira](https://www.instagram.com/lividaarteira)

**V3RUSS - O novo human@
(2019), desenho e colagem,
297x420mm**

"É uma obra híbrida de colagem com desenho a mão com lápis de cor. A ideia é fazer uma reflexão se o ser humano de hoje e do futuro é resultado do marketing consumista. O ser humano de hoje e do futuro é humano ou só escravo?" Professora de artes do GDF desde 2013 e mestranda em artes musicais pela Universidade Nova de Lisboa, Portugal. Artista plástica, desenhista e compositora.

[soundcloud.com/v3russ](https://www.soundcloud.com/v3russ)

**ANA CLARA RODRIGUES - Autodo-
mínio (2019), gesso e madeira,
55x25x18cm**

"Autodomínio é minha forma de guardar todas as lutas que passei e passo diariamente como mulher. É uma moldagem do meu rosto, as cascas como um escudo e a planta na forma de inspiração na evolução e crescimento do meu próprio eu." Tem 21 anos e cursa Artes Visuais na UnB. Atua em diversas linguagens e sempre foi apaixonada por pesquisar novas formas de expressões ar-

tísticas.

[instagram.com/aana.desenhos](https://www.instagram.com/aana.desenhos)

**AKIMI WATANABE - Um segundo pa-
ra o limite (2020), fotografia e
colagem manipuladas por meio
de computador sobre papel,
58x61cm**

"Em face às mazelas do mundo contemporâneo que impõem às minorias uma não-liberdade, subverto essa construção violenta ao materializar em minhas obras essa luta, ante um opressor intermitente." Artista visual nascida e radicada em Brasília, com Especialização em Artes Visuais e Cultura, graduação em Biblioteconomia e vasta experiência em design gráfico e fotografia.

[instagram.com/akimiwatanabe](https://www.instagram.com/akimiwatanabe)

**NUÁRA VISINTIN - Armadura
(2020), fotorperformance, s/
dimensão; registro da perfor-
mance: Nelson Maravalhas**

"Fotorperformance composta por uma série onde partes do corpo são encobertos por uma enorme arma dura e pesada confeccionada pelo artista plástico Nelson Maravalhas. De modo ambivalente, ARMADURA é composta por duas ideias simultâneas de armar-se e proteger-se. Ou até de que proteger-se é se armar, lutar. Só existem futuros possíveis na luta." É produtora cultural e formada em artes visuais pela UnB.

Como artista, expôs na CAL, no Museu Nacional da República, Espaço Piloto. Seu trabalho artístico gira em torno de temas da estética do doméstico e da relação corpo/natureza.

[instagram.com/nua_rara](https://www.instagram.com/nua_rara)

ANA ROSA NABUCO DA FONSECA - Branco, Amarelo, Vermelho e Preto (2020), técnica mista sobre telas, 22x15,5cm (cada tela)

"Para mim o ciclo menstrual, a alquimia do corpo, é o maior indicador dos meus futuros possíveis. É também vindo do corpo com útero a razão pela qual penso que proteger futuros independente, de quais forem, é um ato político sobre os corpos e a terra." Natural de Alto Paraíso-GO, é artista, astróloga e estudante de Artes Visuais na UnB. Tem buscado em suas produções a investigação do mundo interior e exterior, através das práticas artísticas e de suas reverberações.

[instagram.com/coisasqueesepassam](https://www.instagram.com/coisasqueesepassam)

MALU ENGEL - Pulmão (2015), acrílica, nanquim, grafite e sangue s/ tela 106x167cm (I), 167x120,5cm (II), 116x167cm (III)

"O pulmão é responsável pela respiração, processo imprescindível para nossa existência. O coronavírus se apresenta como uma ameaça, mas também

deflagra a urgência de uma mudança de postura de nós humanos em relação ao planeta em que vivemos." Nasceu em plena seca brasileira, em 1989. Mostrou inclinações artísticas desde cedo, se formou em Artes Visuais na UnB. Fez sua primeira exposição individual na CAL em 2014. É professora de artes em Planaltina.

[engelmaluart.wixsite.com/maluengel](https://www.engelmaluart.wixsite.com/maluengel)

LARA FERREIRA - Rotação (2021), colagem digital

"O futuro das cidades é ancestral e é necessário retorno às nascen-tes e às raízes para tecer futuros possíveis. É dessa percepção e também de uma reconexão consi-go que surge esse trabalho e sua construção." Nascida e criada no DF, circulando entre os centros e periferias, cresceu usando o papel e a caneta como forma de desabafo e ressignificação para si. Graduada de Artes Cênicas pela UnB, foi vencedora do Prêmio Sesc de Jovens Dramaturgias, produtora e curadora da ocupação Sapatão Sem Nome na galeria A Pilastra, entre outros.

[instagram.com/likidah](https://www.instagram.com/likidah)

AYSHA LUÍZA SILVA - Contemporary Art (2021), fotografia, 90x90cm

"Por ser uma mulher transexual, sempre me deparei com uma sociedade me configurando como

um animal de segunda espécie ou objeto contemporâneo artístico. Futuro é continuar viva e pensando na mulher grandiosa que sou, um corpo que quer envelhecer e principalmente estar vivo." Estudante de Artes Cênicas na UnB, tem 21 anos, e é amante da estética do movimento. Usa a arte para expressar sua existência de mulher negra, transexual e forte.

[instagram.com/aysha_luiza_silva](https://www.instagram.com/aysha_luiza_silva)

LYV - black and proud (2020), aquarela sobre papel, 29x42cm

"Sobre nos lembrar do que esquecemos. Afrofuturismo é a concepção de um amanhã que nasce a partir de perspectivas negras. A realidade é uma distopia para corpos negros e o afrofuturismo surge como uma possibilidade de futuro utópico." Artista visual de Santa Maria-DF, atualmente trabalhando com pintura, tatuagem e artes digitais. Suas obras refletem o empoderamento da mulher negra no Brasil e suas interseccionalidades, criando um diálogo entre os retratos de mulheres periféricas e linguagens técnicas clássicas na história da arte.

[instagram.com/lyv_x](https://www.instagram.com/lyv_x)

GABRIELLY ROSÁRIO - Aplistia (2021), tinta acrílica sobre papel,

12,19x15,9cm

"Aplistia, significa "gula" em grego. O mundo certamente será engolido pela ganância e ignorância do ser humano, a alta produção da indústria, a poluição descontrolada, a crueldade animal e violação da natureza contribuem para um futuro possível inevitável, repleto de dor e injustiça." Desenhista e futura estudante de artes visuais. No início de 2020, criou uma conta no Instagram com suas ilustrações e aos poucos ganhou visibilidade, chegando a comercializar sua arte. Pretende trabalhar com arte e viver dela.

[instagram.com/gabsein](https://www.instagram.com/gabsein)

TALIME TELESKA - Conexão (2021), fotografia digital

"Porque o bicho humano é social e precisa de conexão para se reconhecer gente que é, o futuro é sobre conexão. A valorização da conexão possível e necessária pelo indivíduo que está coletivamente para ser individualmente." Mulher-mãe que quer resgatar a expressão para se conectar ao coletivo que reflete a reprodução humana. Está descobrindo essa expressão com imagens, desenhos e fotos que surgiram da demanda da maternidade e despertaram um prazer de criatividade e expressão.

MARIA CLARA VIEIRA - Tecendo o

Futuro (2021), acrílica sobre tela, colagem e bordado, 30x40cm

"A obra representa a ideia de trabalhar, no presente, vários futuros. Os relógios representam essa perseguição do tempo a nós ou a nossa perseguição a ele. A ideia do futuro é de já estarmos nele, mesmo não desejando, e por isso as mãos continuam a tecê-lo." Tem 16 anos, cursa o 2º ano do Ensino Médio, é autodidata, gosta de arte, já desenhava e começou a pintar no início da quarentena.

[instagram.com/c_maria.art](https://www.instagram.com/c_maria.art)

JAMILA MARIA - Novas Formas de Fazer Amizade (2021), fotografia, 60x60cm

"Mais de um ano de pandemia. Em tempos assim; dose de gente em comprimido. Já tomou sua dose social? São tantas vitaminas - quando a indústria farmacêutica irá inventar uma "vitamina" que substitua a "troca" e as vivências proporcionadas pelas relações sociais? A "realidade" em pílula." É formada em Cinema e Mídias Digitais pelo IESB, com especialização em Direção de Fotografia pela Academia Internacional de Cinema. Seu trabalho explora, através da fotografia, cinema, película, palavras, imagens e diferentes mídias, vínculos entre ser humano e imagem.

[jamilamaria.com](https://www.jamilamaria.com)

NARA BARBOSA - Solo Fértil (2021), arte digital, colagem e ilustração

"A obra é a materialização de pensamentos de equidade e de liberdade do povo do DF sob uma perspectiva utópica. Uma cidade cujas instituições de fato funcionem, uma Brasília descentralizada, mais inclusiva e interligada; uma Brasília Organismo Vivo." Desde criança tudo do universo artístico a encanta e serve como meio de escape e expressão dentro de uma família que não se comunica muito bem. Tem a colagem como principal ferramenta de síntese de diversas subjetividades artísticas, criativas, metafísicas, ético-políticas e psicológicas.

[behance.net/naracbarb](https://www.behance.net/naracbarb)

PONEY HANDS UP - Criatura das sombras (2021), fotografia digital; modelo Lara Jennyfer (@likidah)

"O que é certo e o que é errado? Qual nossa noção de pátria? De moral? De ordem e progresso? O Brasil de 2021 passa por um período obscuro e esses tempos trazem à tona as sombras da humanidade. Qual narrativa deve vencer? Algumas dessas corpos vêm saindo da escuridão e das sombras, tomando formas e buscando lutar pelos seus espaços." Bacharel em Cinema

e Mídias Digitais, diretora, roteirista, fotógrafa, dançarina e produtora cultural. Tem pesquisa e produção de filmes com temáticas voltadas a questões de gênero, raça e LGBTQIA+. Integra o coletivo Movieias.

[instagram.com/poneyhandsup](https://www.instagram.com/poneyhandsup)

FERNANDA EVANGELISTA - Se repete (2021), costura sobre fotografia e colagem digital, 59,4x42cm

"Trazer o passado como maquinário pro futuro é costurar no tempo as nossas memórias e entrelaçar as histórias todas. Essa colagem se coloca nesse não-lugar do tempo onde os momentos se encontram pensando em um futuro possível de se tornar memória-afeta." Estudante de Nutrição e cozinheira, sempre trabalhou com as mãos, mas nunca foi artista. Decidida a tentar outros caminhos, começou a costurar fotografias tentando ligar as personagens - passado e presente - em um só papel.

[instagram.com/evagelistafernanda](https://www.instagram.com/evagelistafernanda)

CARLI AYÔ - Corpos Fluidos/ o corpo como casa (2020), nanquim e acrílica sobre papel, 10x10cm

"Falas cotidianas de corpos diversos, corpos marcados, silenciados, deformados, a imagem tenta mostrar o peso dos corpos que passam uma vida in-

teira tentando se encaixar no espaço social." Artista e designer formada pela UnB, se tornou conhecida por seu trabalho com o grafite que resgata suas origens do Rio São Francisco, do interior de Minas Gerais. Sua pintura representa o povo negro brasileiro em sua diversidade e beleza, se contrapondo à dura realidade do racismo.

[instagram.com/carli_ayo/](https://www.instagram.com/carli_ayo/)



ficha técnica **BALEIA**

BALEIA | Ciclo #4 | *FUTUROS POSSÍVEIS*

Curadora **CAMILA SOATO**

Coordenadora geral **BEATRIZ CHAVES**

Diretora artística **ELISA FREITAS**

Produtora executiva **BEATRIZ RAMOS**

Assessora de comunicação **JOCELINE GOMES**

Identidade visual **RAQUEL CÂMARA**

Webdesigner **ESTÚDIO CAJUÍNA | FLORA EGÉCIA E BIANCA NOVAIS**

Contadora **BRUNA LOPES**

ARTISTAS

Akimi Watanabe | Alla Soüb d'Nadah | Ana Clara Rodrigues | Ana Rosa Nabuco da Fonseca | Aysha Luíza Silva | Carli Ayô | Dávilla de Sousa Santos | Ester Cruz | Fernanda Evangelista | Gabrielly Rosário | Jamila Maria | Lara Ferreira | LYV | Maria Clara Vieira | Malu Engel | Nara Barbosa | Nuára Visintin | Patrícia Aguiar | Poney Hands Up | Talíme Teleska | V3russ

baleiadf.com.br

[instagram.com/baleiadf](https://www.instagram.com/baleiadf)

[facebook.com/baleiadf](https://www.facebook.com/baleiadf)

akimi WATANABE
alla SOÜB D'NADAH
ana clara RODRIGUES
ana rosa NABUCO DA FONSECA
aysha LUÍZA SILVA
beatriz CHAVES
beatriz RAMOS
bianca NOVAIS
bruna LOPES
camila SOATO
carli AYÔ
dávilla DE SOUSA SANTOS
elisa FREITAS
ester CRUZ
fernanda EVANGELISTA
flora EGÉCIA
gabrielly ROSÁRIO
jamila MARIA
joceline GOMES
lara FERREIRA
LYV
maria clara VIEIRA
malu ENGEL
nara BARBOSA
nuára VISINTIN
patrícia AGUIAR
poney HANDS UP
raquel CÂMARA
talíme TELESKA
V3RUSS



The background of the right half of the page is a photograph of a forest with rolling hills and trees. The entire image is overlaid with a halftone dot pattern, where the density of the dots varies to create different shades of blue and grey, giving it a textured, screen-printed appearance.

ARTISTAS PREMIADAS



Sim, você pode ser artista!

“O Baleia fez tudo pela minha autoestima enquanto artista, porque eu sou muito nova, então não achei que eu fosse conseguir. Passar num edital que tem esse intuito de fortalecer mulheres dentro da cena das artes no DF e ser selecionada foi uma validação muito grande. Foi tipo: sim, você pode ser artista”.

Sim, Juliana Uepa, você pode ser artista! Inclusive, a mais votada do primeiro ciclo da Baleia, sobre O Tempo Circular. Sua obra, “A cada 5”, obteve mais de 1.700 votos, 23% do total. A brasiliense relata que foi uma emoção muito grande estar ao lado de artistas que admira e que já acompanhava o trabalho. E tudo isso logo na primeira publicação de que participou. “Foi o primeiro projeto que me acolheu e falou: sim, você pode fazer parte disso”.

Não foi apenas Juliana que teve sua obra publicada em nossa zine. Sua irmã, TNHA, também participou do segundo ciclo, sobre Heranças Deslembadas, com a ilustração digital “Me reconheço nas minhas Ancestrais” (2020) [Família Baleia, é você?]. As irmãs vieram de uma família de artistas: a avó, as tias, a mãe, além de uma influenciar a outra também. Juliana sempre esteve imersa nas artes, mas nunca tinha notado isso. Só se percebeu artista aos 15 anos, quando fez intercâmbio para a Rússia e começou a fotografar e produzir vídeos.

Hoje, aos 20, tem como ocupação principal e opção artística a fotografia. Define seu trabalho como algo dinâmico, que muda de linguagem e transita por vários lugares e técnicas. “O meu processo criativo não passa só pela fotografia, por imagens, ele é muito cinestésico. Muda muito. Às vezes, nem eu consigo acompanhar”, brinca.

A fotografia também é uma opção política, e foi por causa dela que se juntou, em 2020, ao coletivo Mandioca, que reúne jovens com interesse em registrar e se posicionar a respeito desse momento político, econômico e social do Brasil, como explica Juliana: “Estávamos cansados da mídia hegemônica não cobrir as manifestações que estavam acontecendo e também de não ter espaço dentro da mídia independente alternativa. Havia ainda uma ausência de publicações, então a gente pensou: vamos fazer nossa própria publicação”. E adivinha o formato? Uma zine multimídia que será lançada em breve.

Pandemia e autorretrato

Juliana é uma jovem que odeia selfies. Curiosamente, foram autorretratos que lhe garantiram a inesperada vitória na Baleia: “Eu odeio me autorretratar, é uma coisa que tenho muita dificuldade, mas eu tinha feito esses autorretratos e



JULIANA

rabiscado sobre eles. Queria muito fazer alguma coisa com eles mas não sabia o quê. Quando vi essa convocatória foi uma provocação, eu lembrei na hora das fotos e falei: acho que é por aí. Quando vi todo mundo compartilhando foi muito emocionante!”

A artista declara que, além do seu próprio ciclo, gostou bastante dos trabalhos sobre Futuros Possíveis. “Óbvio que tenho um apego muito especial ao meu ciclo, tanto por eu ter participado dele, quanto por ter sido o primeiro, quanto por me identificar muito com essa provocação do Tempo Circular. Mas gostei muito das obras que surgiram no último. Eu senti que as pessoas já estavam sabendo mais o que era a Baleia, já tinha muito mais gente participando e comprando essas provocações que vocês faziam a cada ciclo”, detalha, demonstrando que acompanhou todo o projeto.

O Tempo Circular que vivemos no começo da pandemia não nos impediu de criar. Juliana e as mais de 300 artistas inscritas nos quatro ciclos desafiaram todas as probabilidades, superaram todas as sabotagens internas e externas e provaram que: sim, nós podemos ser artistas.

C O N S E L H O

Nunca passou o tempo de experimentar. Acho que, às vezes, a gente fica nessa de “ah, não vou testar uma coisa nova”, “ah, já sei fazer isso”, “sou boa nisso então vou continuar nisso”, mas, às vezes, dá vontade de fazer outra coisa. Então, para além dessas questões “acredite no que você está fazendo”, “se joga”, “não tenha medo”, se permita experimentar, porque eu acho que é desse lugar que as coisas saem.





LAURA

DORNELLES

A materialidade do tempo

“É que eu estou aqui concentrada em duas coisas ao mesmo tempo. Aí tô meio confusa”, justifica-se Laura Dornelles deitando Adhara, de quatro meses, no carrinho.

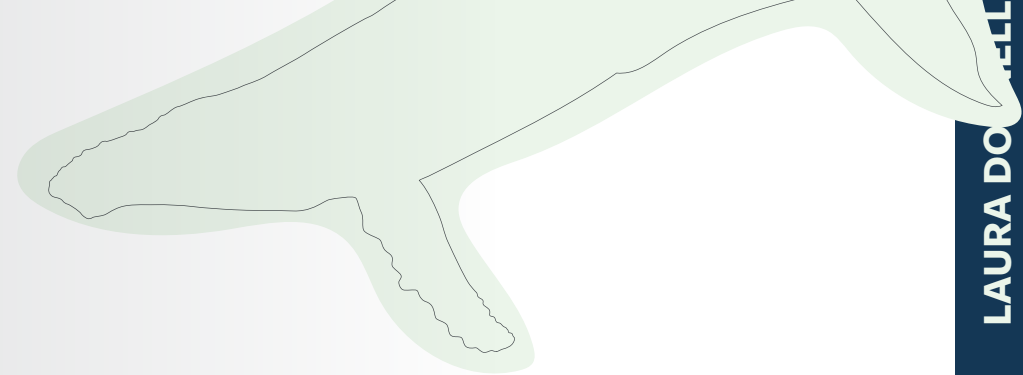
- Uma pergunta parênteses: sua visão de artista mudou depois de ter sua filha?

- Com certeza, né? Acho que toda a percepção da minha própria identidade, de existir, mudou.

Ainda que questões sobre a maternidade sejam algo que artistas mulheres estejam cansadas de responder, essa pergunta só queria confirmar uma coisa que toda artista mãe já sabe: é muito mais difícil ser uma artista visual mulher E mãe.

Laura inscreveu-se no ciclo 2, sobre Heranças Deslembradas, antes de engravidar. Curiosamente, sua obra foi construída a muitas mãos – todas femininas: sua mãe e sua avó. Aos 23 anos, a artista explica que seus trabalhos “se relacionam com o tempo, a relação que o tempo tem com a memória e que os materiais têm com o tempo”.

“Tenho pesquisas de materiais e criações de materiais experimentais, tipo tintas de ferrugem, tintas de terra, que também revelam essa investigação do tempo, porque a



ferrugem é uma decomposição do ferro, de uma memória”, detalha.

Graduada em Artes Visuais na Universidade de Brasília (UnB), também considera suas obras como “trabalhos corporais”. “Eu penso muito na cinestesia e também trabalho com música e teatro, então penso nas coisas integradas e isso influencia na minha produção visual, a minha relação com outras linguagens”.

A obra selecionada e vencedora da votação popular, “Herança de desejos: memória de objetos”, traz diversos elementos que Laura considera fundamentais, entre eles, a terra. Para ela, este “é um material que se relaciona simbolicamente e materialmente com o que a gente entende como ancestralidade”.

Divulgação pesada

Foram quase 3 mil votos, e a obra recebeu 15,6% deles. Laura divulgou o link da votação para todas as pessoas em seu alcance, “desde a amiguinha da primeira série”, contando também com o auxílio de sua mãe para divulgar para ainda mais gente. “Só faltei colocar uma faixa aqui em casa”,

brinca, demonstrando o seu empenho na mobilização.

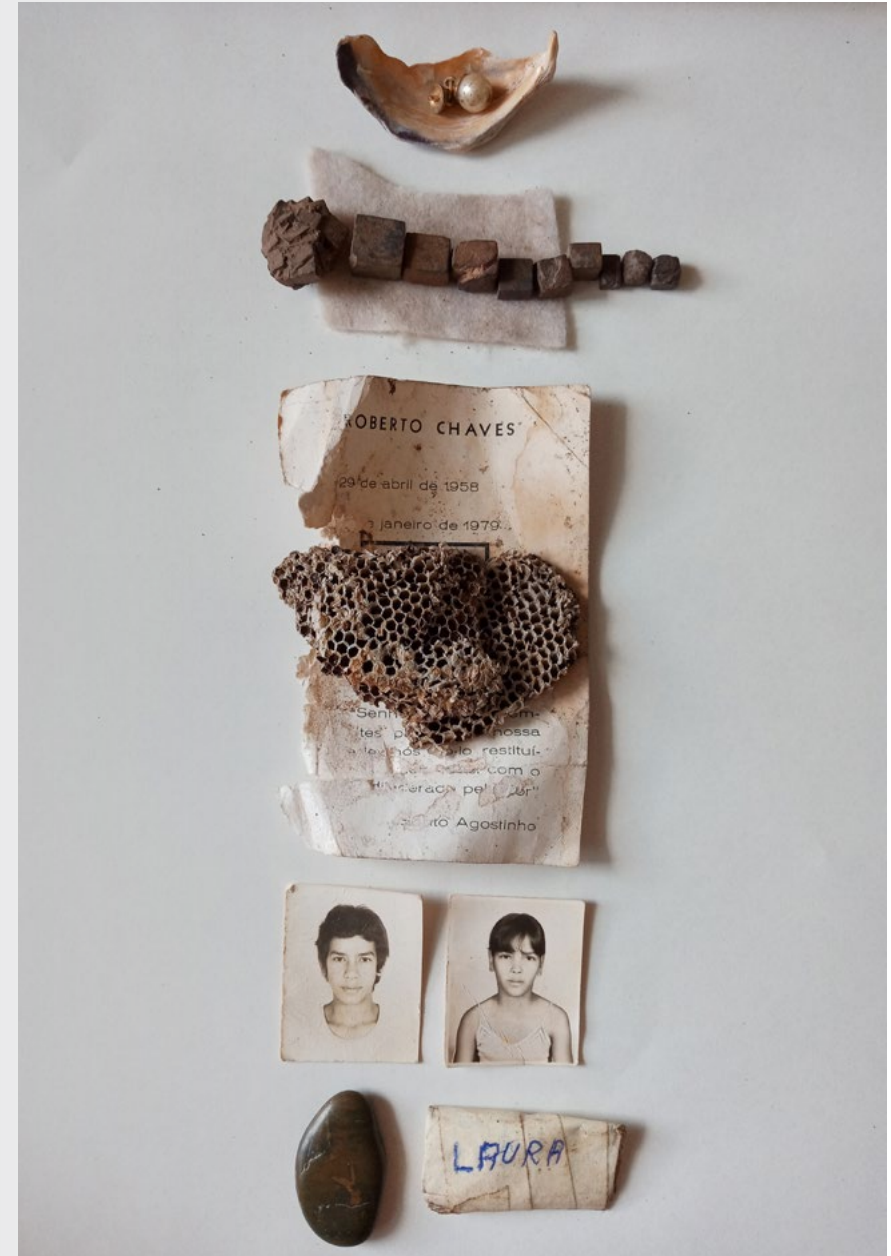
Para ela, o mais interessante de todo o processo de vocação é que, ao promoverem o próprio trabalho, as artistas estavam automaticamente divulgando e conhecendo o das demais, pois todas as obras estavam disponíveis na mesma página. “Então termina que, nesse processo, todo mundo conheceu todas as artistas”, conclui.

Por ser um projeto que busca especificamente mulheres artistas, Laura vê a Baleia “como uma questão de reparação social”. Para ela, a divulgação de artistas locais vai de encontro a essa tendência de conhecermos apenas aquelas de fama internacional, ou que não estão mais vivas. Daí a importância das artistas se conhecerem a partir de uma identidade local e de uma produção contemporânea. Sobre a premiação, Laura considera um tipo de incentivo para dar continuidade ao trabalho, sendo a publicação um material capaz de dar mais visibilidade.

“Pude conhecer outras artistas que se relacionam com esse tema e isso foi o que eu mais gostei, mais artistas com essa relação com a memória e o esquecimento também”, disse sobre o ciclo em que se inscreveu. Produzindo desde os 17 anos, Laura soube muito bem se relacionar com o tempo e nos brindar com suas Heranças Deslembadas.

C O N S E L H O

Comunicação. Tentar expandir mesmo a comunicação, conhecer as pessoas, pra não produzir sozinha. E não só produção no sentido da criação das próprias obras, mas se conectar com outras pessoas, pra você conhecer não só em relação ao trabalho como artista, mas ir conhecendo outros profissionais, como um produtor, uma galerista, uma curadora, esse tipo de coisa. Ir conhecendo da comunicação do mundo.





É sobre, Lara Abreu!

Entre não acreditar no seu próprio trabalho e ter um evento na Itália pedindo autorização pra usar sua obra, foi uma Baleia de distância. Essa é uma parte da história de Lara Abreu, nossa vencedora do terceiro ciclo: Diante do Espelho. Uma história que fala muito sobre o apoio que precisamos ser umas para as outras, e sobre a importância de acreditarmos em nós mesmas.

“No início, eu não tava querendo nem pedir pra ninguém votar em mim porque... pra você ter uma noção, eu me sabotava tanto, que eu falava assim ‘tem tanto trabalho melhor que o meu que eu não vou fazer isso com as outras artistas’. Só que aí eu tive uma amiga muito querida que falava: ‘Lara, se você não fizer por você, quem vai fazer?’ Então eu pensei nisso e falei: ‘é... é sobre’ e aí eu fiz. E foi uma alegria muito grande”, lembra.

Foram mais de 3 mil votos, sendo 13% deles na criação “Sob uma nova face”, algo que ela não esperava acontecer: “Foi uma mistura de sentimentos. Eu fiquei ao mesmo tempo muito ansiosa por ser a minha primeira experiência, por eu ser muito nova, por eu não ter ainda a validação do meu trabalho. Então foi um impulso muito grande pra mim. Foi um misto de sentimentos, de ansiedade, de medo. No momento que eu descobri que tinha ganhado, não acreditei”.

Depois de ganhar, a jovem moradora de Planaltina divulgou ainda mais o trabalho, e foi então que o contato aconteceu. Organizadoras de um projeto de literatura e artes visuais feminista de Roma pediram permissão para projetar a obra de Lara enquanto uma artista declamava um

poema. Além disso, o trabalho foi publicado no Instagram e transmitido ao vivo no YouTube.

“Foi uma sequência de afirmações que eu fiquei muito feliz. Querendo ou não, a gente necessita ainda, em alguns momentos, de validação, pra gente se enxergar. Infelizmente, às vezes, é isso”, argumenta, destacando a série de acontecimentos que a fez confiar mais em seu próprio potencial.

É sobre mim

Hoje aos 20 anos, Lara observa que sempre gostou de arte, pois grande parte de sua família produz artesanato, ou seja, desde pequena realiza trabalhos manuais. Porém, não tinha muito contato com as artes visuais em si, nem com museus. Foi “pegando gosto” com o tempo, e, na faculdade de Artes Visuais na UnB, se entendeu como artista. Entretanto, nunca tinha parado pra definir sobre o que é o próprio trabalho. Até hoje.

“Nunca tinha feito isso, de identificar o meu trabalho. Mas, passando por tudo que eu venho passando, de sair da adolescência pra vida adulta, venho me questionando muito, me conhecendo muito. Acho que o meu trabalho é sobre mim, basicamente. Tudo no meu trabalho eu busco refletir sobre as minhas questões, meus processos, sobre o que eu penso”.

Todo artista, no fundo, está falando sobre si, sobre sua forma de interagir com o mundo e, para Lara, é preciso mostrar as percepções de pessoas que não são ouvidas. “A importância da Baleia está atrelada ao fato de dar oportunidade às pessoas que nem sempre têm espaço. Seja



por gênero, seja por localidade, onde mora, seja por a gente saber que o espaço da arte está se abrindo, mas ainda é bem restrito”, explica.

Lara lembra que a Baleia foi o primeiro projeto do qual participou, e ressalta que iniciativas como essas são muito importantes pra quem está começando: “A gente sabe qual é a realidade do meio artístico, então qualquer oportunidade que a gente tem de ter o nome ali, em uma publicação, ainda mais eu, que não tinha praticamente nenhuma experiência, é uma grande oportunidade, e é isso que o Baleia proporciona”.

A proposta do ciclo Diante do Espelho conversa muito com a própria Lara, a partir da bagagem de autorreflexão, de se questionar na sociedade. Mas é necessário diferenciar o que é autocrítica e autossabotagem. É importante ter por perto pessoas que nos ajudam a confiar no nosso próprio trabalho, porque o padrão de “isto é bom” nunca é nós mesmas (a gente sabe a origem disso, né?). E quando somos jovens, isso é potencializado. As vozes que incentivaram Lara, falaram mais alto. Mesmo que elas falem baixo, que possamos ouvi-las. É sobre apoio. É sobre isso.

CONSELHO

Força, guerreira! O conselho que eu costumo dar nos dias de hoje é que a gente ouve muito, tanto de quem tá fora das artes visuais quanto de quem tá dentro. Então é muita opinião. Na sociedade é isso né, muita opinião a se dar e quanto mais a gente começa a ouvir os outros, mais a gente começa a se esquecer. Então, pra mim, a arte que é boa é aquela que é verdadeira e que você não se importa em ser você mesma, em colocar você ali. O conselho que eu dou pras pessoas é o conselho que eu dou pra mim também, que eu sei que é sobre isso: você se ouvir em primeiro lugar. E escolher muito bem quem você quer e quem você não quer ouvir. Existem limites, é claro, mas não existe, em geral, o certo e o errado a se fazer. Existem limites, valores, coisas que ajudam a gente a conviver melhor em sociedade, e respeitar o próximo e tudo mais, mas, em certas coisas, eu acho que você sabe o que é melhor pra você. É preciso se escutar sempre. Saber bem quem tá ali pra te ajudar e quem não tá ali pra te ajudar.





Baleia na pele

Aos 21 anos de idade, a gente tem todo o futuro pela frente. Todos os Futuros Possíveis. Sob esse tema, a quarta edição da Baleia premiou Ana Clara Rodrigues e sua obra “Autodomínio”. A artista de Planaltina explica que a escultura inscrita é parte de um projeto com oito obras, mas que a peça vencedora é a base, com um significado todo especial.

No ensino médio, Ana Clara sofreu muito, e gostava de fazer releituras de outras obras para espalhar. Em suas palavras, não sabia qual era o seu lugar como artista. Até que, aos 19 anos, no terceiro semestre do curso de Artes Visuais na Universidade de Brasília (UnB), desenvolveu Autodomínio (literalmente!), e essa obra mudou sua trajetória pessoal e profissional: “Foi meu escudo, minha forma de me explicar, de me entender como mulher, como pessoa, um ser pensante. Até hoje faz parte de mim, meu passado, meu presente, meu futuro”.

Afirma que recebeu com surpresa os mais de 1.500 votos (13,3% do total), apesar de ter feito toda a campanha possível para vencer a votação popular. Mobilizou familiares, amigos, colegas de faculdade, e até ex-professores, pois reconheceu como uma grande oportunidade de mostrar sua arte. “Eu não fazia nem tanta questão de ganhar, eu realmente queria que as pessoas pudessem ver meu trabalho. Eu já tinha colocado no Instagram e tudo mais, mas era uma questão de realmente chegar em outras pessoas, não só no DF”, detalha.

Hoje com 22, define seu trabalho como “evolução e crescimento”. “É questão do meu próprio eu, da minha própria evolução, do meu próprio crescimento humano, como mulher, como brasileira, vivências, autodomínio em geral”.

Tatuagem

A artista revela que a Baleia foi algo “incrível, uma grande oportunidade de verdade”, pois reuniu a obra mais simbólica de sua vida, “apoio feminino” e uma vitória que não esperava. Por todos esses motivos, Ana resolveu tatuar, no braço esquerdo, uma baleia rodeada de folhas, que remetem à sua escultura. Pense na emoção da equipe com essa notícia! “Quase todos os dias eu abro a zine. Espero que continue esse projeto maravilhoso, esse apoio feminino aqui no DF. Precisamos de apoios”, elogia.

Falando sobre apoio, a Baleia é um projeto que cresceu de forma totalmente orgânica, um “boca a boca” nas redes sociais virtuais que virou uma rede social real. Ana Clara detalhou que conheceu o projeto através de uma amiga que participou da terceira edição: Lara Abreu (time de campeãs que chama?). “Pesquisei, vi o projeto, essa questão da palavra ‘baleia’ ser usada como ofensa, achei super incrível essa ideia, super filosófico”, lembra.

O fato de ver a zine quase todos os dias a fez perceber outros trabalhos parecidos com o seu. Em sua opinião, a



obra “A grande mãe”, de D’ávilla de Sousa Santos, “lembra bastante” sua escultura, bem como “Black and proud”, da LYV. “Está tão harmônico esse quarto ciclo, achei muito incrível. Parabenizo as curadoras”, observa, folheando a publicação mais uma vez.

Baleia é sobre apoio, sobre fortalecer as artistas visuais mulheres, o que, segundo Ana Clara é fundamental, tendo em vista que “a arte em si é muito marginalizada e elitizada, então nós mulheres temos que nos unir e mostrar realmente quem somos”, afinal, “temos histórias pra contar, não é fácil ser mulher aqui no Brasil. Temos que mostrar realmente a nossa luta e por que não com arte?”.

Neste momento, a artista revela que está em outro momento, numa fase de evolução e crescimento, almejando novas fases. “Quero que meu trabalho chegue em outros lugares. Quero que a Ana Clara chegue em outros lugares”. Tomara que a Baleia te ajude nesse propósito. Conte com a gente!

C O N S E L H O

Não perder a confiança em você, saber que você é capaz. Que seu projeto, sua arte, pode chegar em outras, pode salvar vidas femininas. Não deixe de mostrar seu trabalho. Sempre, qualquer tempinho que você tiver, sempre mostre o que você faz. Isso vai mudar a vida de qualquer uma.

Esse é meu conselho. Eu levo pra mim também.

Não se esconder. Deixe seus futuros possíveis, literalmente.

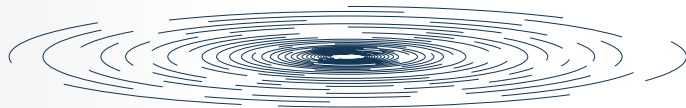






CURADORAS

Sobre o ciclo #1 **O tempo circular**



Mulheres que são artistas, artistas que são mães, mães que experienciam arte, mulheres que reivindicam de maneira segura a identificação como mulheres. Temos vivenciado uma ampla agenda de discussões e de projetos que destaca a emergência da igualdade de gênero e da participação das mulheres de maneira integral aos variados setores políticos, econômicos e culturais da sociedade. Recuso-me a pensar que estes programas sejam expressões temporárias de uma temática do momento ou que tenham uma validade em breve a vencer.

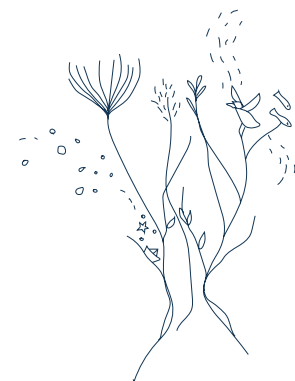
Acredito que projetos voltados à questão da representatividade de mulheres devam se consolidar como um propósito comum desejado. O projeto Baleia não tem fim. Foi pensando na condição inesgotável desse propósito que me envolvi e participei do processo da curadoria da edição “O Tempo Circular”.

As estratégias de mapeamento, movimentos coletivos nas redes sociais com enfoque nas mulheres, suas questões e produções ganham com essa publicação impressa mais um segmento de circulação para tratar da questão da in/visibilidade da mulher e, ainda, de sua inserção artística. Na curadoria desta edição, procurei ressaltar o exercício de olhar para o mundo, diante do contexto pandêmico, na relação com variadas memórias e temporalidades, como maneira de olhar para si. O resultado pode ser encarado como a suspensão para compreender, até certa medida, o tempo que se requisita a arte na própria vida. Um interstício, talvez alentador, dentro de uma pausa abrupta dos ritmos cotidianos que passamos.

Creio que a experiência remodeladora para o exercício curatorial neste projeto se deu na percepção das vivências múltiplas na relação com a arte, por cada uma das mulheres participantes. Desenhos, fotografias, performances e registros com engajamentos diferenciados mas atrelados à experiência do tempo de existir.

Cinara Barbosa

Sobre o ciclo #2 **Heranças deslembradas**



Daquilo que converso com as nuvens em uma noite qualquer

Escrever já é lembrar. Viver é não esquecer. Encontrar é dividir o tempo. Permanecer é conceder mistérios. Acalentar é não desperdiçar. Explicar é deixar de lado. Compor é sentir o todo. Cuidar é estar. Caber é saber. Respeitar é conceber. Ser é um sempre.

Poderia combinar palavras umas com as outras até fazer sentido da experiência, mas isto talvez não seja suficiente. O começo. O convite. A alegria de participar de um projeto. De propor um tema para confabular o insuspeito. Escolhas a serem feitas. Dores a serem percebidas. Memórias a serem alcançadas. Silêncios. Comboios celestiais. Imagens ancestrais. Inventários abissais. Desejos naturais. Sentimentos anônimos. Encontrâncias. Guiamentos. Geografias fugazes. Genealogias sagazes. Compulsões matinais. Feminismos. Femininos. Semi-ismos. Origens ocasionais. Dinastias passionais. Distâncias patriarcais. Costuras naturais. Ocorrências. Condolências. Reminiscências. Convergências. Dissidências. Abstinências. Ausências. Procedências.

Só sei que existem tantos marcadores sociais; tantas insígnias de identidade; tantas rubricas de pertencimento; tantas qualidades do existir que, às vezes, me identifico muito mais com um chiclete mastigado, cuspidado e acochado ao cimento quente. Ou seja: que lástima. Às vezes, só queria abraçar o infinito. Às vezes, só queria debruçar sobre o abismo. Às vezes, só queria suspirar profundo. Às vezes, só queria compor o tédio. Às vezes, só queria a pureza do querer. Enquanto isso, tanto faz. Só dá para ser feliz de olhos fechados. Enquanto isso, coragem.

Luisa Gunther

Sobre o ciclo #3
Diante do espelho



Participar do projeto Baleia de mapeamento, publicação e premiação de mulheres artistas, me colocou diretamente em contato com questões sobre as quais reflito há muitos anos, desde o início da minha trajetória cursando Artes Visuais até o caminho trilhado como professora e gestora de um espaço cultural. Acredito ser primordial a toda e qualquer pessoa que tenha a oportunidade de trazer referências artísticas e de formar alunos com senso crítico e analítico a ação de ativamente apresentar, a jovens e adultos, exemplos de expoentes das mais diversas áreas de produção visual, cultural e científica do gênero feminino.

Destacar artistas, cineastas, fotógrafas e escritoras é o mínimo que podemos fazer no intuito de, pouco a pouco, mudar uma realidade que ainda ecoa e reverbera em pleno século XXI: o apagamento, silenciamento e roubo do espaço das mulheres na participação efetiva da sociedade ao longo de muitos anos de história essencialmente patriarcal.

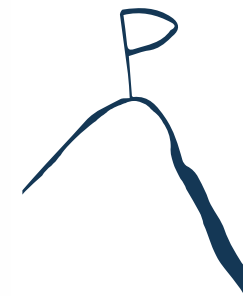
O mundo não pega leve com as mulheres. Ser mulher, ontem e hoje, especialmente no Brasil, sempre foi uma tarefa árdua e, como as notícias nos lembram todos os dias, de particular periculosidade. Para além das pesadas jornadas duplas, muitas vezes naturalizadas, ser mulher é se arriscar, é ter que lidar com fantasmas inerentes a uma sociedade que ainda é capaz de atrocidades em relação ao gênero feminino.

Ser mulher e artista, é para além dos desafios já apresentados, resistência, já que a arte é reflexo do mundo em que vivemos. Com a criação de autorretratos, conseguimos nos enxergar também refletidas enquanto parte de uma história que ainda será contada.

Realizar a curadoria da terceira edição da zine do projeto Baleia me permitiu estar em contato direto com trabalhos de novas artistas, mergulhando na interpretação dos seus questionamentos e vivências. Conhecer e dar voz a artistas contemporâneas pode ser a primeira de várias ações importantes para que, num futuro próximo, elas se tornem referências de um corpo de produção mais equilibrado e igualitário.

Raquel Pellicano

Sobre o ciclo #4
Futuros possíveis



Queria agradecer pelo convite para realizar a curadoria dessa zine, uma tarefa incrível e desafiadora. Desafiadora, pois nunca tinha realizado uma curadoria e, mesmo com todo o suporte das Baleias, foi complicado selecionar apenas 20 artistas entre tantas propostas incríveis. Incrível por estar ao lado de mulheres que possibilitaram espaços e ferramentas para tantas outras exercerem suas potências - além de poder conhecer as obras de mais de 70 artistas. Esse exercício me fez ir além dos trabalhos inscritos. Pesquisei todas as artistas, investigando o que já tinham produzido e o que estavam produzindo. Encontrei artistas que eu já conhecia e outras que ainda não conhecia. Para finalizar esse brevíssimo relato, gostaria de pontuar o quão importante foi o encontro entre artistas de diversas quebradas e não quebradas, produtoras, escritoras, pesquisadoras, provocadoras, curadoras. Mulheres de diversas vivências e histórias que o projeto Baleia agregou e movimentou. Como diz o refrão da minha banda feminista preferida de metal, Estamira: “Se conhecem, se apoiam e se organizam”! Valeu e é nós que voa, bruxonas!

Camila Soato

EXPOSIÇÃO BALEIA

QUANTAS MULHERES
ARTISTAS VISUAIS
DO DF E ENTORNO
VOCÊ CONHECE?

baleiadf.com.br

Para celebrar o aniversário de Brasília, inauguramos no dia 21 de abril de 2021, a exposição BALEIA – Mulheres nas Artes Visuais do DF e Entorno na Infinu Comunidade Criativa (506 sul). A exposição foi um desdobramento que não estava previsto no projeto inicial e surgiu de forma colaborativa entre a equipe do projeto e as artistas selecionadas, além das parcerias com a Infinu Comunidade Criativa e o Carambola Birô Fine Art. A mostra reuniu o trabalho de 52 artistas, participantes dos três primeiros ciclos do projeto, e teve duração de 3 meses. A live de abertura da exposição teve mais de 800 visualizações, lançamos também um tour virtual e o público pôde visitar a exposição presencialmente. “A exposição foi muito importante para nós porque tivemos a oportunidade de conectar mulheres e mostrar pra Brasília a diversidade e a qualidade do trabalho das artistas”, detalha Maiene Horbylon, coordenadora da Infinu. Entre as obras, o público pôde conhecer e comprar trabalhos não somente de artistas consagradas por prêmios nacionais e grandes exposições, mas também de artistas em formação, apresentando assim um mapeamento diverso e representativo.



QUEM É QUEM NO BALEIA

**ELISA
FREITAS**
Direção artística

É formada em ciências sociais e estudante de artes visuais. Em 2011, fundou a editora Criatura, especializada em zines fotográficos, com o intuito de editar e publicar o próprio trabalho – e circulou por feiras de publicação independente de todo o Brasil. Ministra cursos de fotozines, edição de imagens e narrativas fotográficas.

**JÓ
GOMES**

Assessoria de comunicação

Jornalista com pós-graduações em gestão de políticas públicas de gênero e raça, em revisão de texto e em dança e consciência corporal – nesta última desenvolveu pesquisa sobre matriarcado e oralidade nas danças afro-brasileiras. Foi assessora da Fundação Cultural Palmares e da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do DF e atua, ainda, como dançarina, coreógrafa e professora de danças afro.

**BEATRIZ
RAMOS**
Produção executiva

Possui graduação em cinema e mídias digitais e atua, principalmente, na área de produção cinematográfica como assistente de produção e diretora de produção de projetos locais. Recentemente, passou a trabalhar também como figurinista, a partir de estudos com ênfase em moda e tendências. Entre 2018 e 2020, foi coordenadora de cursos livres do Espaço f/508 de Cultura.

**BEATRIZ
CHAVES**

Coordenação geral

Como todas as colegas do projeto, ela é uma profissional multidisciplinar: comunicadora com pós-graduação em história da arte, com experiência em gestão e ensino em vários projetos culturais da cidade – como Infinu, Perestroika ou Espaço f/508 de Cultura. Além disso, é apaixonada por colagem e desenvolve trabalhos na área, além de ministrar cursos relacionados à técnica.

BALEIA

Coordenadora geral Beatriz Chaves | **Diretora artística** Elisa Freitas |
Coordenadora de produção Beatriz Ramos | **Assessora de comunicação**
Joceline Gomes | **Identidade visual** Raquel Câmara | **Projeto Gráfico e**
Diagramação Luísa Malheiros | **Webdesigner** Estúdio Cajuína – Flora
Egécia e Bianca Novais | **Curadoras** Cinara Barbosa, Luisa Günther, Raquel
Pelicano e Camila Soato | **Coordenação administrativa** Templo Produções

baleiadf.com.br

instagram.com/baleiadf

facebook.com/baleiadf

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Baleia : mulheres artistas visuais do DF e entorno / coordenação Beatriz Chaves. --
Brasília, DF : Elisa de Freitas Mendes, 2022.
Várias autoras.

ISBN 978-65-00-51049-2

1. Artes visuais 2. Mulheres artistas 3. Projeto Baleia I. Chaves, Beatriz.

22-124451

CDD-730.92

Índices para catálogo sistemático:

1. Mulheres artistas : Artes visuais : Apreciação crítica 730.92

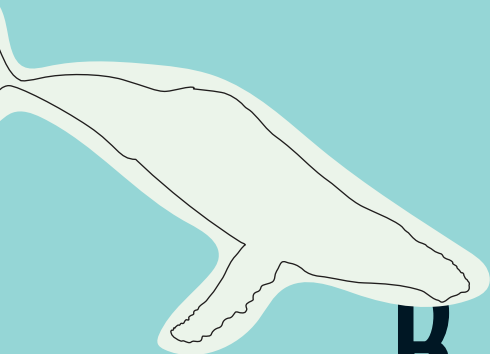
Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

*Esta publicação foi composta nas fontes Freight Sans Pro. Miolo impresso em papel
Offset 90g/m² e capa impressa em papel Cartão Supremo LD 300g/m². Tiragem de
500 exemplares.*

Este projeto é realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal

FAC FUNDO DE APOIO À
CULTURA
DO DISTRITO FEDERAL

Secretaria de
Cultura e
Economia Criativa



Este projeto é realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal

FAC FUNDO DE APOIO À
CULTURA
DO DISTRITO FEDERAL

Secretaria de
Cultura e
Economia Criativa

ISBN 978-65-00-51049-2

